



**BB ASSET
MANAGEMENT**

**Busque mais para
os seus investimentos**

BBGO11



Relatório Gerencial
BB Fundo de Investimento de Crédito FIAGRO Imobiliário

Agosto - 2025

INFORMAÇÕES GERAIS

O BB FIAGRO é um fundo de investimento que investe em ativos como CRA, LCA, CRI e Debêntures, desde que todos estejam vinculados ao Agronegócio. Os rendimentos do fundo são isentos de imposto de renda.

O fundo tem como objetivo superar o CDI através do investimento em uma carteira de crédito privado de alta qualidade, contando com a expertise do Banco do Brasil no setor de agronegócios. A isenção de imposto de renda torna o produto ainda mais atraente em uma indústria que representa cerca de um terço de todas as exportações do Brasil.

Ticker	Patrimônio Líquido	Nº de Cotistas	Quantidade de Cotas
BBGO11	R\$377.603.836,94	11.725	4.005.164
CNPJ	Data de Início	Taxa de Administração	Taxa de Performance
42.592.257/0001-20	17/dez/21	0,85% a.a.	10% sobre excesso CDI+1% a.a.
Administrador e Gestor	Consultor	Custodiante	Auditor
BB Asset Management	Banco do Brasil SA	Banco do Brasil	KPMG

Resultados – Agosto/2025

Rendimento por cota	Dividend Yield	Nº de Negócios	Volume Negociado
R\$1,35	1,39%	6.427	R\$4.959.778,39
	Receitas	Despesas	
	R\$5.390.649,35	-R\$ 417.375,84	

*% a Distribuir = Resultado a Distribuir deduzido do Caixa

COMENTÁRIO DO GESTOR

Rendimentos

O BB FI FIAGRO encerrou o mês de agosto com excelente performance, com uma rentabilidade da cota patrimonial de 1,33% a.m. A cota patrimonial vem recuperando valor ao longo do ano. Em agosto, decidimos distribuir R\$0,90 rendimentos por cota, ou seja, um Dividend Yield de 1,39% (119,30% do CDI) sobre o valor de mercado.

Carteira

A carteira de Certificados de Recebíveis de Agronegócios encerrou o mês de agosto com 59,50% do patrimônio líquido alocado em emissões indexadas ao CDI, 25,62% indexados ao IPCA e 1,70% em posição prefixada. Além disso, o fundo possui uma alocação de 3,52% do patrimônio líquido em FIDCs FIAGRO. O fundo encerrou o mês com uma liquidez de 9,65% do PL que nos dá tranquilidade para buscar novas oportunidades de alocação tanto no mercado primário quanto no secundário, com o objetivo de aumentar a diversificação entre os principais setores do agronegócio.

O valor da cota está sendo negociado com um desconto aproximado de 26%, em relação ao valor da cota patrimonial. Este desconto, em nossa análise, representa uma oportunidade de alocação, dado que a carteira é amplamente diversificada (mais de 35 emissores), apresentando yield média acima de CDI + 1,76% ao ano e duração média próxima de 2,05 anos.

Adquirimos duas séries dos CRAs emitido pela Lar Cooperativa: CRA025006NA com taxa de 106% do CDI, vencimento em agosto de 2030, com pagamento de juros mensal e amortização no 4º e 5º ano. A outra série foi o CRA025006NB com taxa de juros prefixada em 14,55%, vencimento em agosto de 2032, com pagamento de juros mensal e amortização no 6º e 7º ano.

COMENTÁRIO DO GESTOR

Regime de Distribuição

Ao longo dos últimos anos, o BBGO11 adotou dois regimes distintos para a distribuição de resultados. Até 2022, prevalecia o regime de caixa; posteriormente, a partir de 2023, passou-se a utilizar o regime de competência, estabelecendo que entre 95% e 100% do resultado apurado no semestre fiscal poderia ser distribuído, com os valores não distribuídos sendo incorporados ao patrimônio líquido.

A ausência de uma regulamentação clara quanto à forma correta de distribuição sempre gerou dúvidas tanto na indústria de fundos quanto entre os cotistas dos Fiagros. Visando sanar esse cenário de incerteza, a CVM emitiu o Ofício-Circular-Conjunto nº 1/2025/CVM/SSE/SNC, datado de 03/05/2025, no qual estabeleceu seu entendimento sobre a política adequada de distribuição de rendimentos: os Fiagros devem seguir o regime de competência, limitando-se ao lucro contábil — ou seja, ao lucro acumulado ou ao lucro do exercício apurado conforme esse regime.

Apesar da redução no valor patrimonial do BBGO11 devido ao PDD realizado no final de 2024, o fundo tem apresentado lucro contábil desde o seu início. Como exemplo, um dos ativos provisionados foi totalmente pago pelo devedor, gerando uma recuperação na cota. Esses eventos e a qualidade dos ativos alocados nos permitem manter a distribuição pelo regime de competência aos cotistas.

REMUNERAÇÃO DOS CRAS

Considerando as taxas de remuneração dos ativos na carteira do BBGO11, os CRAs e FIDCs são atrelados ao IPCA, CDI e Prefixado. Dessa forma, a remuneração considerando as taxas médias de aquisição e taxas de mercado se dividem conforme gráfico abaixo:

Ativo	% Alocado (% do PL)	Taxa Média Compra	Taxa Média a Mercado
IPCA +	25,62%	6,9%	10,18%
CDI +	48,88%	2,85%	2,75%
% CDI	14,15%	106,26%	103,67%
Prefixado	1,70%	13,15%	13,9%
Operação Compromissada	9,65%	100%CDI (-) IR	100%CDI (-) IR

COMPOSIÇÃO DA CARTEIRA

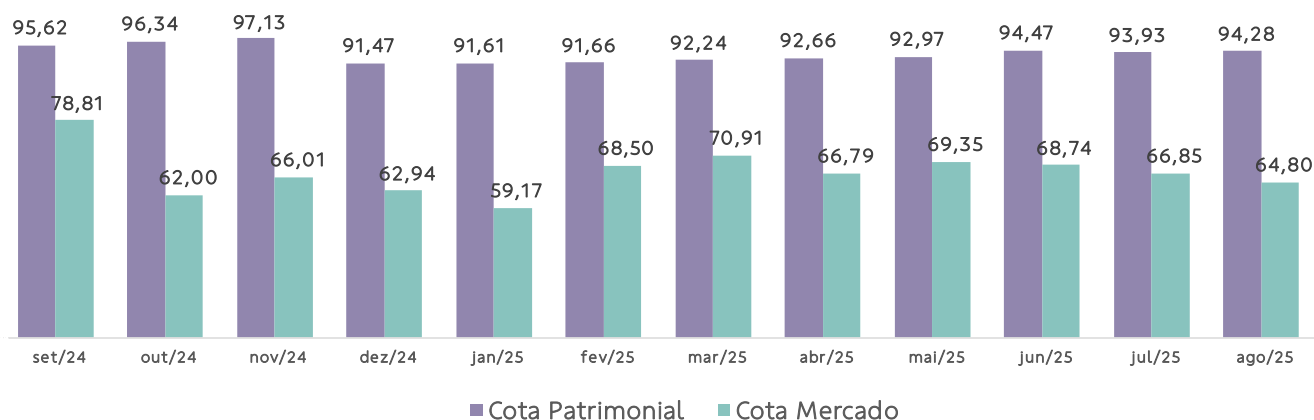
Data Compra	Vencimento	Qtde	Financeiro	%	Índice	Taxa Compra	Taxa Mercado	Código
LAR COOPERATIVA								
21/08/2025	16/08/2032	3.000	R\$ 2.997.020,65	0,78%	PRE	14,55%	14,55%	CRA025006NB
21/08/2025	15/08/2030	12.000	R\$ 12.249.202,30	3,19%	%CDI	106,00%	106,00%	CRA025006NA
VALE DO TIJUCO								
05/11/2024	16/10/2034	12.000	R\$ 12.860.891,03	3,35%	CDI	1,60%	1,75%	CRA0240099E
11/06/2025	16/10/2034	8.000	R\$ 8.573.927,35	2,23%	CDI	1,48%	1,75%	CRA0240099E
ELDORADO								
18/01/2023	15/09/2027	7.163	R\$ 9.094.178,26	2,37%	IPCA	6,90%	9,82%	CRA021002YB
22/03/2022	15/09/2027	4.000	R\$ 5.078.418,68	1,32%	IPCA	6,62%	9,82%	CRA021002YB
20/09/2023	15/09/2027	5.025	R\$ 6.379.763,47	1,66%	IPCA	7,09%	9,82%	CRA021002YB
CEREAL								
14/11/2024	16/11/2029	10.000	R\$ 10.378.494,18	2,70%	CDI	1,10%	1,31%	CRA02400AHV
GDM GENÉTICA								
16/03/2022	21/12/2026	2.400	R\$ 1.248.228,66	0,32%	CDI	1,40%	1,06%	CRA021001KA
18/03/2022	21/12/2026	3.300	R\$ 1.716.314,41	0,45%	CDI	1,50%	1,06%	CRA021001KA
COCARI								
24/03/2022	17/12/2026	10.000	R\$ 5.066.511,91	1,32%	CDI	5,35%	5,16%	CRA021005KX
FS BIO								
30/03/2022	18/02/2026	5.000	R\$ 2.492.485,60	0,65%	CDI	1,50%	3,59%	CRA022001E1
28/04/2023	15/10/2029	2.000	R\$ 1.993.806,93	0,52%	CDI	2,90%	3,12%	CRA02300795
26/03/2025	17/03/2031	10.000	R\$ 9.990.559,74	2,60%	CDI	3,00%	3,27%	CRA0250012Y
FIAGRIL								
29/03/2022	24/12/2025	1.397	R\$ 1.419.761,36	0,37%	CDI	4,50%	4,50%	CRA021005LZ
29/03/2022	23/12/2026	499	R\$ 1.171.777,64	0,31%	CDI	5,00%	3,91%	CRA021005MO
11/01/2023	11/08/2027	5.000	R\$ 1.946.534,60	0,51%	CDI	4,50%	9,43%	CRA022007KF
NEOMILLE								
18/04/2022	17/04/2029	20.000	R\$ 21.163.007,66	5,51%	IPCA	6,23%	10,79%	CRA021005W1
RODOIL								
29/04/2022	09/03/2027	14.300	R\$ 11.389.982,80	2,97%	CDI	3,00%	3,54%	CRA022002XP
NARDINI								
16/05/2022	17/04/2028	20.000	R\$ 22.769.852,76	5,93%	IPCA	7,47%	9,85%	CRA022004H5
C VALE								
17/05/2022	15/04/2027	10.000	R\$ 7.515.976,65	1,96%	IPCA	7,18%	11,52%	CRA022003PD
BEM BRASIL								
25/05/2022	15/05/2029	7.163	R\$ 8.056.487,59	2,10%	IPCA	6,53%	8,77%	CRA022003JT
USINA CERRADÃO								
03/06/2022	15/05/2028	15.000	R\$ 16.631.030,24	4,33%	IPCA	6,99%	10,25%	CRA022004XY
CARAMURU								
18/07/2022	16/07/2029	2.000	R\$ 1.719.114,88	0,45%	IPCA	7,20%	11,16%	CRA022006BU
EXPOCACER								
15/07/2022	29/05/2026	2.700	R\$ 945.544,26	0,25%	CDI	4,50%	4,74%	CRA02200798
CORURIFE								
28/07/2022	09/07/2027	20.000	R\$ 6.868.508,01	1,79%	CDI	1,50%	1,50%	CRA022007VI
23/01/2025	25/11/2030	496	R\$ 3.004.394,07	0,78%	CDI	4,95%	4,95%	CRA02400ECT

COMPOSIÇÃO DA CARTEIRA

Data Compra	Vencimento	Qtde	Financeiro	%	Índice	Taxa Compra	Taxa Mercado	Código
ALCOESTE								
29/09/2022	20/09/2027	3.000	R\$ 2.997.612,95	0,78%	CDI	3,50%	4,11%	CRA022008YD
14/11/2023	20/09/2027	2.000	R\$ 1.998.408,64	0,52%	CDI	3,85%	4,11%	CRA022008YD
FAZENDÃO								
30/09/2022	15/09/2025	5.000	R\$ 5.035.108,49	1,31%	CDI	2,00%	2,48%	CRA022009Q7
06/01/2023	15/09/2025	5.000	R\$ 5.035.108,49	1,31%	CDI	2,30%	2,48%	CRA022009Q7
13/02/2023	15/09/2025	4.972	R\$ 5.006.911,88	1,30%	CDI	2,30%	2,48%	CRA022009Q7
CRESOL								
28/10/2022	15/12/2027	5.974	R\$ 3.149.726,30	0,82%	CDI	2,95%	1,54%	CRA0220099D
GIRASSOL								
04/11/2022	19/10/2026	10.000	R\$ 10.651.169,91	2,77%	CDI	2,40%	2,17%	CRA02200AHU
VICUNHA								
13/02/2023	16/08/2027	1.000	R\$ 1.002.714,61	0,26%	CDI	2,10%	1,72%	CRA022008C2
OLFAR								
04/04/2023	15/03/2029	3.000	R\$ 3.071.764,91	0,80%	CDI	3,00%	2,04%	CRA023003JX
COAGRIL								
04/05/2023	27/12/2027	2.000	R\$ 1.060.105,13	0,28%	CDI	4,70%	4,60%	CRA023006SH
12/06/2025	27/12/2027	4.514	R\$ 2.392.657,29	0,62%	CDI	4,63%	4,60%	CRA023006SH
SIERENTZ								
05/05/2023	13/03/2030	4.000	R\$ 3.094.677,78	0,81%	CDI	3,80%	3,83%	CRA023004BL
01/11/2023	13/03/2030	4.000	R\$ 3.094.677,78	0,81%	CDI	3,80%	3,83%	CRA023004BL
14/11/2023	13/03/2030	2.233	R\$ 1.727.603,87	0,45%	CDI	3,67%	3,83%	CRA023004BL
02/02/2024	13/03/2030	10.000	R\$ 7.736.694,46	2,01%	CDI	3,75%	3,83%	CRA023004BL
ALIANÇA AGRÍCOLA								
12/07/2023	15/05/2028	9.700	R\$ 8.501.249,59	2,21%	CDI	5,00%	4,15%	CRA02300CI2
BTG PACTUAL								
31/08/2023	15/09/2033	3.640	R\$ 3.549.333,27	0,92%	PRE	11,96%	13,35%	CRA02300HWK
MINERVA								
04/12/2024	16/11/2029	5.000	R\$ 5.260.808,30	1,37%	%CDI	105,00%	102,28%	CRA02400AYL
CAPAL								
01/12/2023	17/05/2029	1.667	R\$ 1.344.603,67	0,35%	CDI	3,50%	1,93%	CRA02300Q8I
09/04/2024	17/05/2029	3.333	R\$ 2.688.400,74	0,70%	CDI	3,50%	1,93%	CRA02300Q8I
LAVORO								
22/12/2023	22/12/2027	9.000	R\$ 8.866.513,88	2,31%	CDI	3,00%	4,38%	CRA02300TBL
USINA SANTA FÉ								
28/03/2024	17/12/2029	669	R\$ 694.766,07	0,18%	CDI	4,00%	2,39%	CRA024002MM
PRIME AGRO								
28/06/2024	19/06/2030	5.000	R\$ 4.765.112,75	1,24%	CDI	3,50%	1,27%	CRA024006N5
CAMIL								
19/06/2024	15/06/2029	10.913	R\$ 11.301.718,71	2,94%	%CDI	109,00%	101,37%	CRA0240066A
19/09/2024	15/06/2029	14.620	R\$ 15.140.761,25	3,94%	%CDI	104,00%	101,37%	CRA0240066A
UPPERDOG								
19/11/2024	20/11/2029	5.000	R\$ 5.025.721,73	1,31%	CDI	2,30%	2,30%	CRA02400AHU
INTEGRADA COOPERATIVA								
20/02/2025	15/05/2029	4.000	R\$ 4.193.908,30	1,09%	CDI	2,35%	2,34%	CRA025000MJ
COOXUPE								
01/07/2025	17/06/2030	10.000	R\$ 10.414.376,90	2,71%	%CDI	107,50%	107,50%	CRA025003UZ
FIDC								
SUMITOMO								
04/08/2025		9.825.971	R\$ 10.041.288,49	2,61%	CDI	2,20%	2,20%	BRODGSCTF008
URAAGRO								
12/06/2024		5.898	R\$ 3.497.437,11	0,91%	CDI	4,75%	4,75%	BRO23VCTF0J2
OPCOM								
			R\$ 37.061.744,03	9,65%	% CDI	(100% - IR)		

Evolução da cota patrimonial x cota de mercado

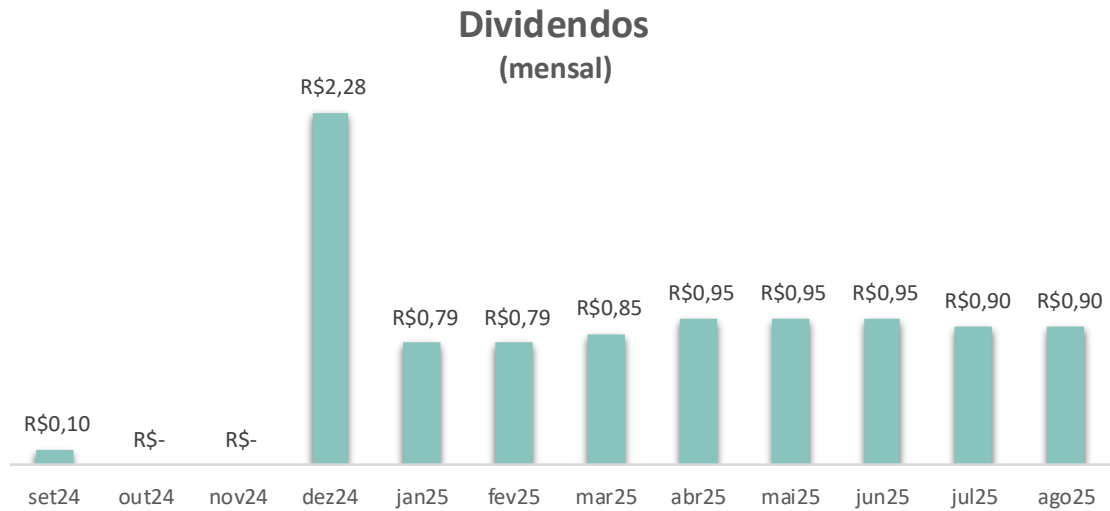
No mês de agosto, a carteira do BBGO11 observou 76,2% em Certificados de Recebíveis Agrícolas (CRA) e, neste sentido, um aumento da liquidez para 23,8% da carteira em liquidez (operações compromissadas e caixa). Os ativos atrelados ao IPCA somavam 25,62% dos CRAs, ao CDI 63,03% e prefixados 1,7%, diversificados em 43 diferentes emissores.



Demonstrativo de Resultado

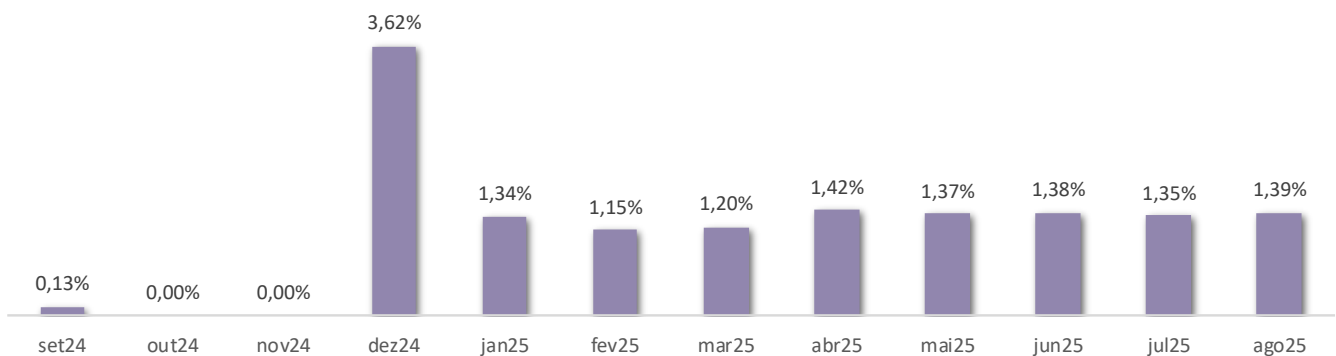
DRE (R\$ Milhões)	mar2025	abr2025	mai2025	jun2025	jul2025	ago2025
Receitas	6,06	5,67	5,54	6,49	5,05	5,81
Rendimento CRA	4,21	3,96	3,98	5,91	3,83	3,52
MTM CRA	-0,45	2,82	0,81	-0,20	0,46	1,12
Outras Receitas	2,29	-1,12	0,75	0,78	0,76	1,16
Despesas	-0,35	-0,36	-0,41	-0,44	-0,49	-0,42
Taxa de Administração	-0,17	-0,18	-0,19	-0,18	-0,21	-0,19
Outras Despesas	-0,18	-0,18	-0,22	-0,26	-0,28	-0,23
Resultado Líquido	5,71	5,31	5,13	6,05	4,56	5,39
Distribuição	3,40	3,80	3,80	3,80	3,60	3,60
Resultado por cota (R\$)	1,42	1,33	1,28	1,51	1,14	1,35
Distribuição por cota (R\$)	0,85	0,95	0,95	0,95	0,90	0,90

Rendimentos Mensais



Em agosto, a variação da cota de mercado aumentou o descasamento do valor de mercado do fundo em relação à cota patrimonial, com margem de atratividade de 31,27% para negociação do Fundo no mercado secundário. O dividend yield do Fundo foi de 1,39%, equivalente a uma rentabilidade bruta (gross up) de 140,97% do CDI, que rendeu 1,16%.

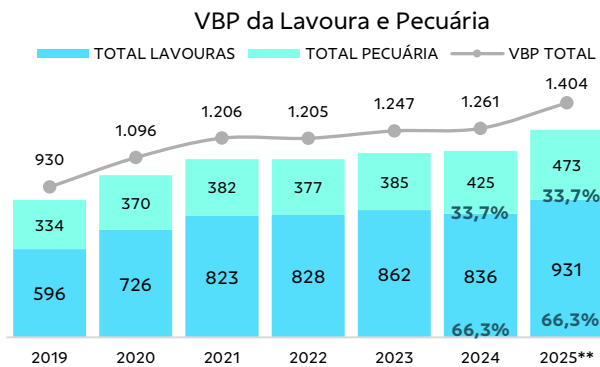
Dividend Yield da Carteira (mensal)



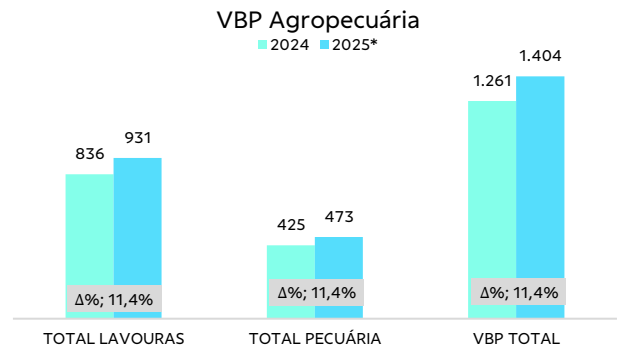
Comentário do Consultor de Análise de Crédito

Valor Bruto da Produção

O Valor Bruto da Produção Agropecuária (VBP) estimado para 2025 é de R\$ 1,404 trilhão no ano, o que sinaliza avanço anual de 11,4% no faturamento das atividades produtivas no campo, de acordo com análise da Secretaria de Política Agrícola do Ministério da Agricultura e Pecuária, em valores deflacionados pelo IGP-DI da Fundação Getúlio Vargas – FGV, de julho de 2025. Destaca-se que o bom desempenho esperado procede tanto da atividade pecuária como das lavouras.



* Previsão - valores reais - deflacionados pelo IGP-DI de Jul/25
 Fonte Preços: Cepea/Esalq/USP, CONAB e FGV/FGVDados
 Fonte: Min. Agricultura
 Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito



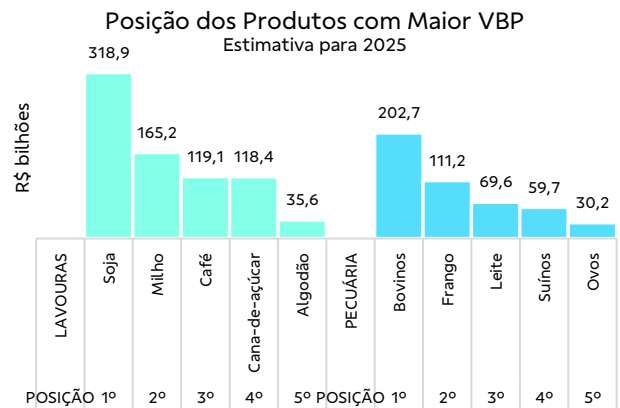
* Previsão - valores reais - deflacionados pelo IGP-DI de jul/25
 Fonte Preços: Cepea/Esalq/USP, CONAB e FGV/FGVDados
 Fonte: Min. Agricultura
 Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

De forma geral, a elevação no Valor Bruto da Produção (VBP) estimado reflete as condições climáticas mais favoráveis em comparação ao ciclo anterior, o que contribuiu para o bom desempenho da pecuária e para o aumento da produtividade agrícola, culminando, inclusive, em um recorde na produção de grãos, que se confirma com o encerramento do ciclo produtivo 2024/25.

No segmento das lavouras, o crescimento da produção em diversas culturas, aliado à valorização de algumas commodities como o café têm contribuído para a elevação das estimativas de faturamento no período. Entretanto, fatores externos, como as sobretaxações aplicadas pelos Estados Unidos a produtos importados, podem impactar a dinâmica de preços das commodities agrícolas ao longo do segundo semestre.

Soma-se a isso como fator limitante ao avanço do faturamento à frente a recente retração nos preços de determinados produtos, influenciada pelo bom desempenho das lavouras no país e pelas perspectivas positivas de safra em países concorrentes, além da perda de força do dólar ao longo do ano.

Na pecuária, a combinação de preços ainda valorizados e incremento na produção de aves e suínos sustenta a expectativa de crescimento do VBP em 2025. Vale ressaltar que o indicador do VBP de julho mostra incremento para o ano, no entanto, houve redução em relação ao último levantamento, atribuído a embargos mantidos por mercados como China e União Europeia para a carne de frango, após a confirmação de um caso de gripe aviária em granja comercial no Rio Grande do Sul, refletindo em queda nos preços. Embora a maioria dos países tenha retomado as compras, inclusive a União Europeia no início de setembro, a China, que é o maior comprador, ainda mantém restrição.

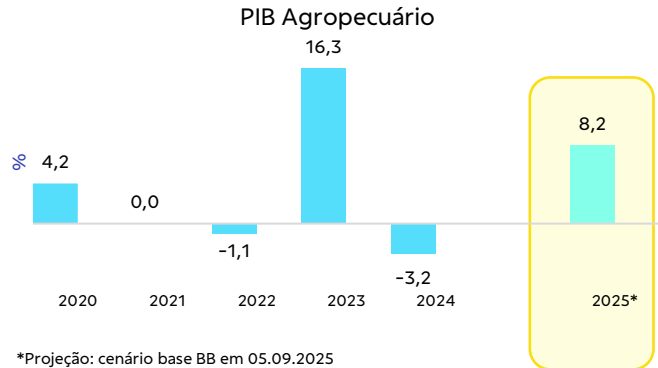


Fonte: Ministério da Agricultura e Pecuária - Estimativa: jul/2025
 Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

PIB Agropecuário

A retração da produção agrícola, impactada por condições climáticas desfavoráveis na safra 2023/24, levou o PIB agropecuário a fechar 2024 em queda de 3,2%.

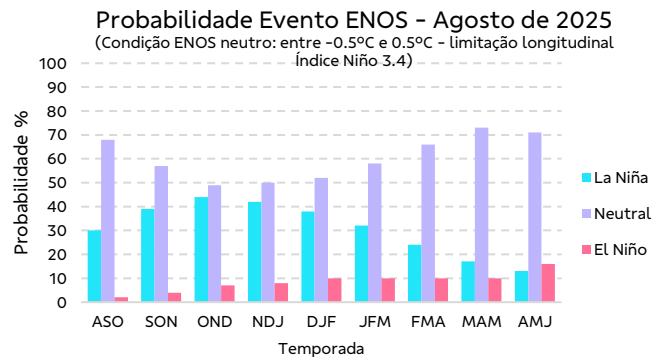
Para a safra 2024/25, após o encerramento de parte da colheita, a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) confirma a produção recorde de grãos no país, em linha com o clima mais ameno que beneficiou a semeadura e desenvolvimento das lavouras, dando sustentação para estimar crescimento de 8,2% no PIB agro em 2025.



*Projeção: cenário base BB em 05.09.2025
 Fonte: IBGE e BB Assessoramento Econômico
 Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Aspectos Climáticos

Nas previsões do *International Research Institute for Climate and Society (IRI)*, da Universidade de Columbia, em parceria com o *National Oceanic and Atmospheric Administration (NOAA)*, as possibilidades de formação de novo período de La Niña a partir do final de 2025 aumentaram marginalmente nas últimas divulgações, porém ainda predomina a expectativa de continuidade de neutralidade climática durante o primeiro semestre de 2026.

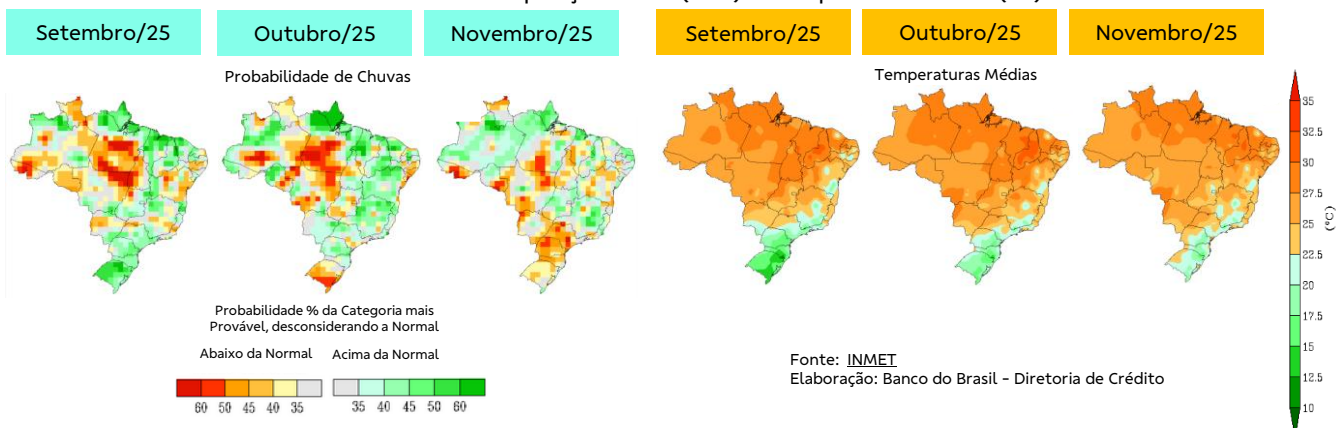


Fonte: National Oceanic and Atmospheric Administration - NOAA
 Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

Precipitação

Para os próximos meses, de acordo com as previsões do Instituto Nacional de Meteorologia (INMET), o retorno gradual das chuvas em grande parte do território nacional e a ausência de temperaturas extremas indicam um início de plantio da safra de verão em setembro dentro da normalidade climatológica. No entanto, em algumas regiões produtoras como no Centro-Oeste tem-se irregulares previstas, com possibilidades de avanço do plantio com alguma heterogeneidade, principalmente nas lavouras de soja. No Sudeste e Sul, em que pese a possibilidade de alguns excessos no Rio Grande do Sul, as chuvas recorrentes devem beneficiar a umidade do solo e favorecer o início da semeadura das lavouras (café, cana-de-açúcar, milho, arroz e soja). Chuvas previstas para outubro e novembro, devem favorecer as lavouras em Minas Gerais, Nordeste e as culturas desenvolvidas na região do MATOPIBA (soja, cana-de-açúcar, café, arroz de sequeiro). Sugere-se bom desempenho das áreas de pastagens, beneficiando a bovinocultura.

Probabilidade de Precipitação Total (mm) e Temperatura Média (°C)



Destaques – Produção de Grãos

O 11º Levantamento da Safra de Grãos 2024/25, de agosto de 2025, publicado pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), vem confirmando as projeções iniciais de uma temporada com recorde de produção, cuja previsão é de acréscimo de 16% (ou 47,7 milhões/ton.) no volume de produção, totalizando 345,2 milhões/ton./ano-safra.

A área cultivada, estimada em 81,9 milhões de hectares, representa incremento de 2,5% (ou 2 milhões/ha de área. Ao mesmo tempo que a produtividade foi incrementada em 13,2%, com média de 4.214 Kg/ha. As culturas de verão de primeira safra já estão com as colheitas concluídas, as de 2ª safra estão em fase de finalização, enquanto as de 3ª, mais residual, em fase de início da colheita. Já as culturas de inverno, se encontram já colhidas ou em fase final.

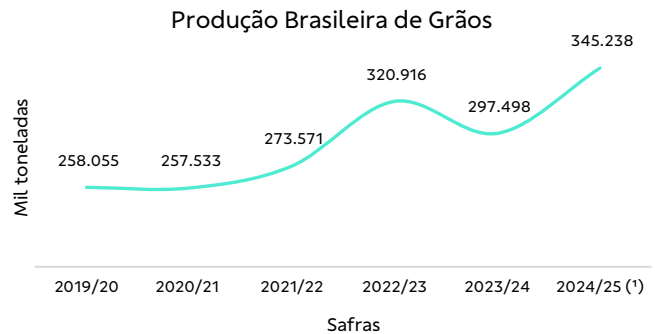
Soja

A colheita da temporada 2024/25 de soja encontra-se praticamente concluída, com pequenas áreas ainda por concluir em Alagoas, Ceará, Pernambuco e Roraima, por possuírem estação chuvosa diferenciada. Segundo a Conab, a relativa estabilidade climática em grande parte das regiões produtoras e os investimentos crescentes em tecnologias produtivas foram os principais fatores responsáveis pelo bom desempenho e pelo recorde da safra, com o volume colhido de 169,6 milhões de toneladas, alta de 14,8% frente ao ciclo 2023/24.

Destaca-se que a demanda externa pelo grão tem sido um dos principais fatores responsáveis pelo incentivo à produção, além do consumo interno aquecido para insumos nas indústrias de alimentos, ração animal e óleo de soja.

Para 2025, é previsto pela Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (Abiove) aumento na demanda da indústria, com estimativa de esmagamento alcançando 58,1 milhões de toneladas, incremento de 4,1% frente ao apurado em 2024. O farelo de soja é o principal derivado produzido pela indústria e é focado na utilização como ração animal. A estimativa da Abiove é de incremento da produção em 5%, sendo o principal vetor de crescimento, a demanda externa. Já para o óleo de soja, cujo incremento estimado na produção para o ano é de 2,7%, o principal vetor de crescimento é a demanda interna da indústria alimentícia (produção de óleo de cozinha).

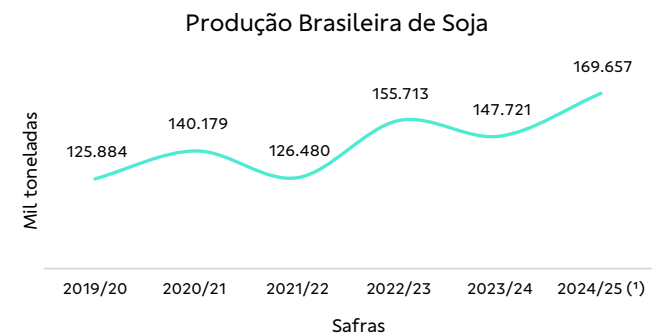
Preços e Custos – Os custos das lavouras seguem pressionados ao longo de 2025, destacando-se aqueles referentes à aquisição de fertilizantes e defensivos, com reflexos em margens menos atrativas que o habitual para o produtor rural. Vale mencionar que o maior impulsionador do custo dos insumos é a restrição de oferta frente a uma demanda global aquecida. Além disso, o custo do capital encontra-se elevado com a Selic em patamar contracionista.



(1) Projeção

Fonte: Conab - 11º Levantamento da Safra de Grãos 2024/25 - ago/2025

Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito



(1) Projeção

Fonte: Conab - 11º Levantamento da Safra de Grãos 2024/25 - ago/2025

Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

Desempenho no campo

Soja	2023/24	2024/25*
Produção (mil ton.)	-5,1%	+14,8%
Produtividade (kg/ha)	-8,8%	+11,3%
Área (ha)	+4,0%	+3,2%

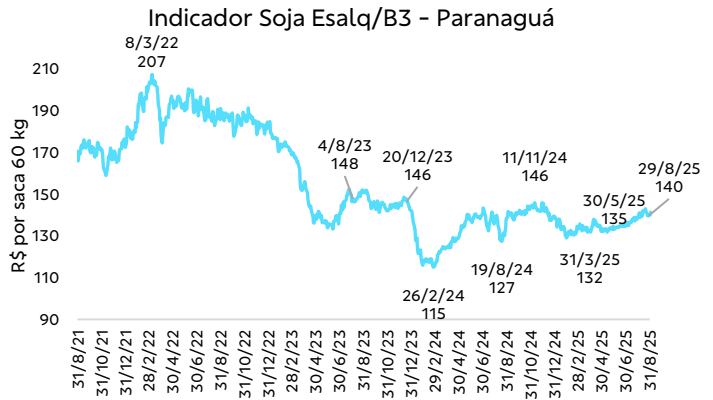
*Previsão

Fonte: Conab - Projeção de Safra 2024/25 - ago/25.

Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

O ano de 2025 segue mostrando recuperação gradual dos preços. A valorização é atribuída ao bom desempenho das exportações brasileiras de soja em grão, com destaque para a demanda chinesa e maiores prêmios de exportação.

A adoção de políticas protecionistas pelo governo dos Estados Unidos, inclusive contra a China, impulsionou as compras chinesas pela commodity brasileira e gerou prêmios positivos nos portos, beneficiando as cotações internas mesmo diante dos menores preços internacionais. No mais, o câmbio depreciado também favorece essa dinâmica.

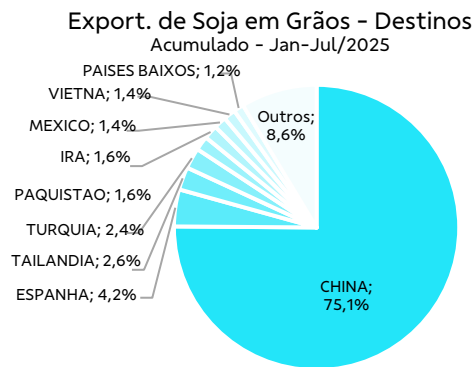


Fonte: Cepea/Esalq/USP
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

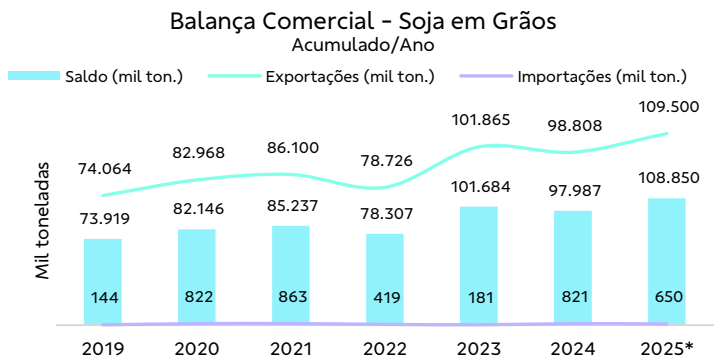
No entanto, com a entrada da entressafra no Brasil e eventual redirecionamento das compras chinesas para o mercado estadunidense, com a entrada da soja americana no mercado, poderá reverter alterar essa trajetória de preços no mercado interno brasileiro.

Na indústria, o arrefecimento na trajetória de recuperação dos preços do grão e a ausência de expectativa de valorização mais acentuada trazem alívio em termos de custos na cadeia produtiva da soja, tais como produtoras de óleo, biodiesel, farelo e ração animal.

Mercado Externo – O Brasil mantém a liderança das remessas globais de soja em grãos, com a China sendo o principal destino. Prospectivamente, a recuperação da produção brasileira já confirmada com recorde nacional na presente safra, associada à demanda externa aquecida – inclusive com possibilidade de incremento nas compras chinesas diante das políticas protecionistas impostas pelos EUA –, seguem como fatores que beneficiam as vendas externas brasileiras no ano. A Abiove prevê incremento ao redor de 10,8% para as exportações brasileiras de soja em grãos em 2025.



Fonte: Secex e Agrostat
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito



*2025 = Projeção Abiove
Fonte: Abiove, Secex e Agrostat
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Para a indústria de farelo de soja, as projeções da Abiove indicam uma expansão de 4,9% nas exportações em 2025, mesmo diante de um cenário de consumo interno aquecido, impulsionado principalmente pela demanda da indústria de ração animal. Além disso, a crescente demanda interna por soja para a produção de óleo, tanto para uso alimentício quanto para biodiesel, reforça o potencial de crescimento do processamento doméstico do grão. Nesse contexto, o suporte para o aumento das remessas externas está ancorado na elevada produção nacional de soja. Entretanto, o bom desempenho da safra argentina — principal concorrente do Brasil no mercado internacional de farelo — pode influenciar a dinâmica de preços e competitividade ao longo do ano, exigindo atenção estratégica por parte do setor.

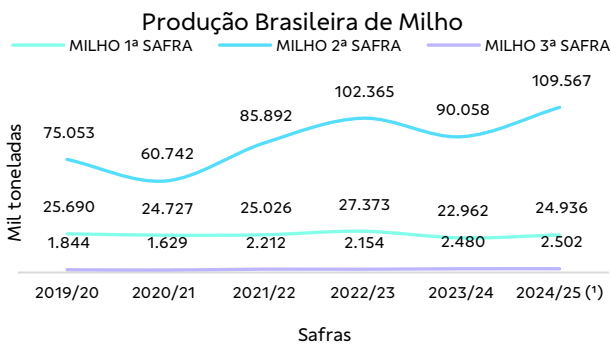
Milho

Conforme o 11º Levantamento da Safra de Grãos da Conab, a estimativa para a produção de milho no ciclo 2024/25 foi atualizada no último mês para 137,0 milhões de toneladas, acréscimo de 16,5 milhões de toneladas frente ao período anterior.

A primeira safra, com a colheita já concluída, obteve acréscimo de 8,5% na produção agrícola, favorecida pelo clima mais favorável durante o período de desenvolvimento, ainda que com irregulares pontuais em algumas regiões, mas que permitiu a consolidação das lavouras com incremento na produtividade em 14,2% e volume de produção de 24,9 milhões/ton.

A segunda safra, a “safrinha”, já está com 100% da semeadura realizada, além de colhido até 30 de agosto aproximadamente 93,2% do previsto para o atual ciclo, com a Conab estimando incremento de 5,3% na área plantada, produtividade 15,6% superior ao da safrinha anterior e, conseqüentemente, aumento de 21,7% na produção, totalizando 109,6 milhões/ton.

O plantio da 3ª safra, com um montante de produção mais residual estimado em 2,5 milhões de toneladas, foi finalizado em todas as regiões, mais especificamente em áreas próximas ao litoral nordestino e norte do Brasil. Apesar do atraso na implantação dos cultivos, as condições climáticas têm favorecido o desenvolvimento do cereal, que deve começar a ser colhido neste mês de setembro.



(1) Projeção.

Fonte: Conab - 11º Levantamento da Safra de Grãos 2024/25 - ago/2025

Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

Desempenho no campo

Milho 3 Safras	2023/24	2024/25*
Produção total (mil ton.)	-12,3%	+18,6%
Produtividade (kg/ha)	-7,4%	+15,2%
Área (ha)	-5,5%	+3,0%

*Previsão

Fonte: Conab - Projeção de Safra 2024/25 - ago/2025.

Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

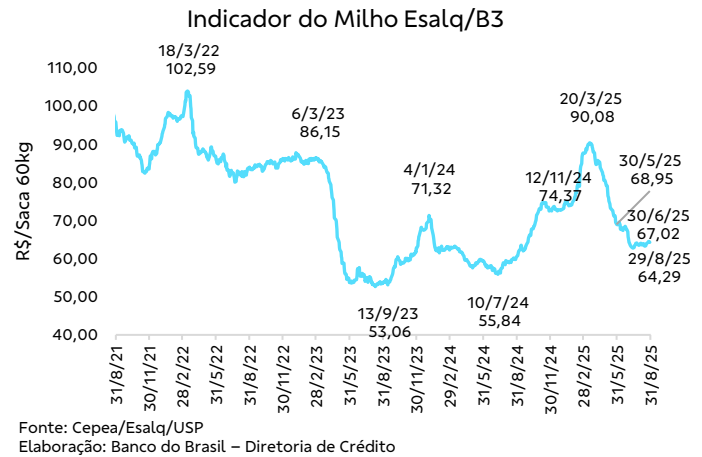
O forte incremento na produção de grãos da safra 2024/25 e a procura crescente por derivados do milho, a exemplo do farelo e do óleo para biodiesel, devem impulsionar a atividade na indústria de derivados no ano.

Com o aquecimento da produção de proteína animal no país, a demanda da indústria por ração à base de farelo de milho segue elevada. Paralelamente, o setor de óleos vegetais tem ampliado sua atuação tanto na alimentação quanto na produção de biodiesel. Um destaque especial vai para o etanol de milho, que já representa mais de 20% da composição total do etanol no Brasil, ganhando espaço na matriz de combustíveis renováveis diante da menor oferta de etanol proveniente da cana-de-açúcar. Nesse contexto, têm sido realizados vultosos investimentos na cadeia produtiva do etanol de milho, com projeções que superam R\$ 40 bilhões até 2029, o que poderá elevar a participação do milho a 40% da produção nacional de biocombustíveis.

Preços e Custos – No segundo semestre de 2024, as cotações do milho iniciaram uma trajetória de alta, impulsionadas por estoques reduzidos, demanda interna aquecida e preocupações com o desempenho das lavouras da primeira safra, além das incertezas climáticas que colocavam em risco a viabilização da segunda safra. Mesmo com a melhora nas condições climáticas nos últimos meses do ano, que favoreceu as expectativas de produção no Brasil, os preços continuaram em elevação, sustentados pela forte demanda da indústria de farelo para ração animal, biocombustíveis e alimentos

A partir de março de 2025, a tendência dos preços se inverteu, passando a registrar quedas em função do bom desempenho das safras no Brasil e na Argentina, bem como a expectativa de volume expressivo de milho que deve entrar no mercado internacional no segundo semestre, oriundo do mercado estadunidense, onde houve aumento de área plantada e o clima tem favorecido o desenvolvimento da safra.

Para os preços do farelo de milho, estes mantém a trajetória de baixa, haja vista os preços do seu insumo básico, o milho, que segue trajetória baixista, ainda que a demanda do setor de ração animal venha se mantendo crescente, com o incremento observado na criação de animais no setor de proteína animal.



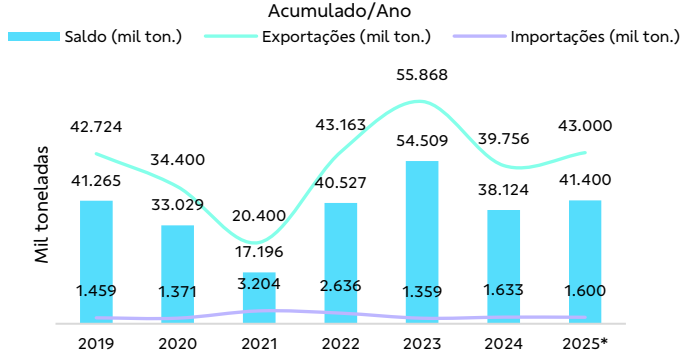
A dinâmica entre os mercados de milho e soja também exerce influência significativa, dado o caráter complementar na oferta e substitutivo na demanda desses insumos. Além disso, fatores estruturais como a taxa de câmbio e as condições de infraestrutura logística e de armazenagem no Brasil continuam a impactar diretamente a formação dos preços. E a trajetória de queda nos preços do insumo (milho), que havia sofrido algum nível de correção altista em 2024, já vem melhorando a atratividade das margens de rentabilidade para a indústria desde março.

Exportações – No acumulado de 2025, as exportações brasileiras de milho devem representar cerca de 21,4% do total mundial, posicionando o país como o segundo maior exportador da commodity, atrás apenas dos Estados Unidos (36,4%). De acordo com os dados acumulados de janeiro a julho de 2025, aproximadamente 93% das remessas externas do complexo do milho correspondem à modalidade grãos, enquanto 0,7% referem-se a óleo e biodiesel, 0,4% a farelo e os 6,4% restantes a outras formas de comercialização.

A maior oferta de milho brasileiro nesta safra, aliada à demanda externa aquecida, aponta para um crescimento nas exportações em 2025. Segundo estimativas do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), cerca de 43 milhões de toneladas devem ser embarcadas pelos portos brasileiros no ano, volume 8,2% superior ao registrado em 2024. No entanto, as expectativas de boa performance para a próxima safra estadunidense, com a colheita sendo iniciada, associada às incertezas da política tarifária dos EUA, que podem levar agentes externos a redirecionarem suas compras ao Brasil, são os fatores que podem influenciar nessa dinâmica.

Por outro lado, questões geopolíticas ainda pendentes no Oriente Médio podem impactar negativamente as exportações brasileiras de milho, dada a relevância dos países da região como destino das remessas nacionais. Destaca-se, por exemplo, o caso do Irã, que respondeu por 10,9% das exportações brasileiras da commodity em 2024 — participação que saltou para 30,3% no acumulado de janeiro a julho de 2025. Egito e Arábia Saudita também figuram entre os principais compradores, o que reforça a sensibilidade do comércio exterior brasileiro às instabilidades geopolíticas na região.

Balança Comercial – Milho



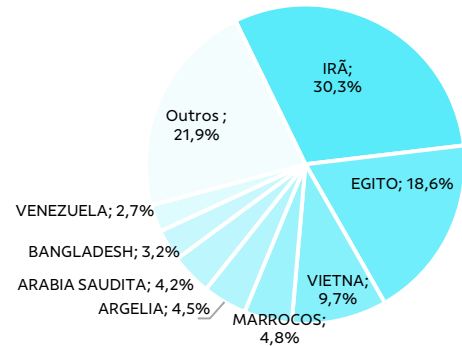
*2025 = Projeção USDA

Fonte: Secex e Agrostat

Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Exportações de Milho por Destino

Acumulado - Jan-Jul/2025



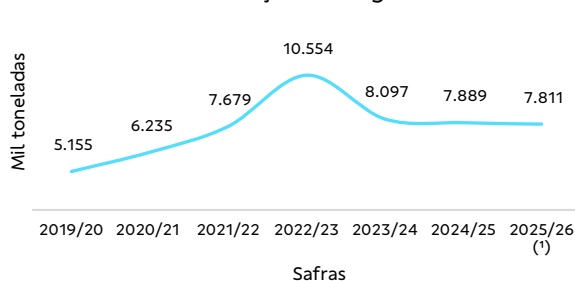
Fonte: Secex e Agrostat

Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Trigo

A semeadura da safra 2025/26 de trigo teve início em abril nos estados de Goiás, Minas Gerais e parte do Paraná, avançando posteriormente para o Rio Grande do Sul e Santa Catarina entre maio e junho. As estimativas da Conab indicam um cenário de maior produtividade, com alta de 19,0%, mas uma retração na produção total de 1,0%, reflexo da expressiva redução na área plantada, estimada em 16,7%. Essa tendência de queda na área cultivada é observada em praticamente todos os estados produtores – com destaque para Rio Grande do Sul e Paraná, que concentram as maiores extensões destinadas ao cultivo do grão – tendo em vista a menor atratividade frente ao cultivo de outras culturas como soja. Ainda assim, as condições climáticas no início do ciclo têm sido mais favoráveis em comparação à safra anterior, o que tem sustentado os níveis de produtividade e limitado a queda na produção, atualmente projetada em 7,811 milhões de toneladas.

Produção de Trigo



(1) Projeção.

Fonte: Conab – 11º Levantamento da Safra de Grãos 2024/25 – ago/2025

Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Desempenho no Campo

Trigo	2024/25	2025/26*
Produção (mil ton.)	-2,6%	-1,0%
Produtividade (kg/ha)	+10,6%	+19,0%
Área (ha)	-11,9%	-16,7%

*Previsão

Fonte: Conab – Projeção de Safra 2024/25 – jul/2025.

Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

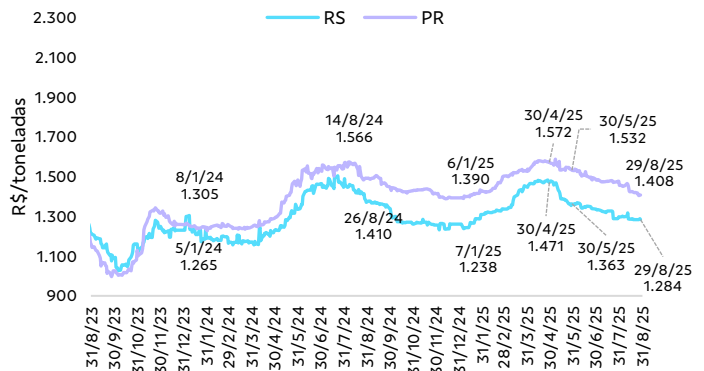
Na indústria, a produção nacional estimada de massas de trigo e derivados registrou aumento de 2,4% em 2024, e, para 2025, a atividade de moagem deverá ter incremento, no mínimo, idêntico a 2024. No entanto, vale destacar que o resultado fraco da produção de trigo na safra (2024/25) impõe um quadro com as moageiras ainda importando mais para atender à demanda por farinha. As compras de derivados do trigo seguem apoiadas por fortes hábitos de consumo, pela resiliência do mercado de trabalho e pelo avanço na renda real, fatores que sustentam a produção, venda e faturamento desses produtos.

Preços e Custos – Após recuperar as perdas registradas no segundo semestre de 2024, as cotações do trigo voltaram a recuar a partir de abril de 2025. Esse movimento foi influenciado pelo nível de produção na atual safra brasileira, pelo excesso de oferta no mercado internacional e pela demanda global enfraquecida.

No cenário doméstico, os custos de produção seguem pressionados, especialmente devido à contínua elevação nos preços dos principais fertilizantes, comprimido margens dos tricultores.

Na indústria, o preço da farinha de trigo, após perder força em 2023 e apresentar recuperação parcial em 2024 e início de 2025, favoreceu a rentabilidade dos negócios. Esse desempenho foi sustentado pela combinação entre a leve valorização do produto e a recente descompressão nos custos de aquisição do cereal. Por outro lado, a trajetória de queda a partir de abril nos preços e a manutenção da taxa Selic em patamar contracionista por um período prolongado continua pressionando o custo do capital, tanto para os produtores quanto para a indústria.

Indicador do Trigo Cepea/Esalq

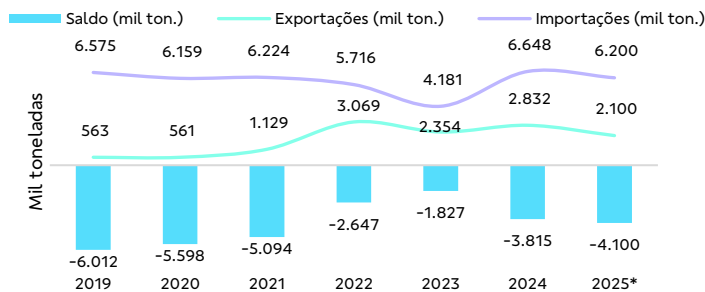


Fonte: Cepea/Esalq/USP
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Mercado Externo – O Brasil importa historicamente a maior parte do trigo consumido, representando 55% da necessidade interna em 2024, período que as importações evoluíram 59,0%. Dados mais recentes demonstram que a Argentina, principal fornecedora, exportou ao Brasil o percentual de 76,4% do total importado pelo país no acumulado de janeiro a julho de 2025.

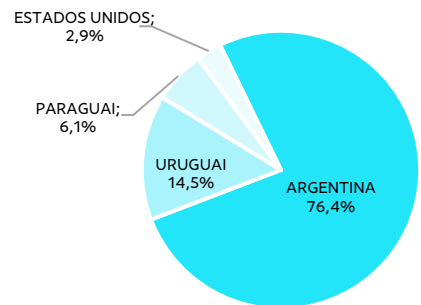
Para o acumulado até o final de 2025, estima-se que serão adquiridos 6,5 milhões de toneladas de trigo do exterior, segundo o Departamento de Agricultura dos estados Unidos (USDA), o que representará redução de 2,2% em relação a 2024. Apesar da produção nacional apresentar retração neste ciclo, a queda nas importações de trigo no ano seria em função da melhora no padrão da produção nacional para atingir qualidade para panificação.

Balança Comercial do Trigo Acumulado/Ano



*2025 = Projeção USDA
Fonte: Secex e Agrostat
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Importações de Trigo por Origem Acumulado Jan-Jul/2025



Fonte: Secex e Agrostat
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Cana-de-Açúcar

De acordo com o último levantamento da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), correspondente ao 2º Levantamento da Safra de Cana-de-Açúcar 2025/26, divulgado em 29 de agosto, o ciclo de colheita e comercialização iniciado em abril de 2025 tem produção estimada em torno de 668,8 milhões de toneladas. Embora ainda apresente pequena retração sobre a safra anterior (8,1 milhões de toneladas), revela uma expectativa mais otimista frente às projeções iniciais de queda de 23,6 milhões de toneladas divulgadas em abril.

O ciclo de desenvolvimento vegetativo da presente safra (2025/26) chegou a ser afetado pelas temperaturas mais elevadas e estiagem mais prolongada na segunda metade de 2024, além de focos de incêndio pontuais que refletiram negativamente nas áreas em desenvolvimento e de rebrota das lavouras de cana, em especial no Sudeste, que é a principal região produtora do país (90,7% da produção). Porém, com a retomada gradual das chuvas no final do ano e início de 2025, associado a um clima menos extremado, trouxe algum alívio às lavouras, indicando que possível queda pronunciada do rendimento na cultura foi amenizada.

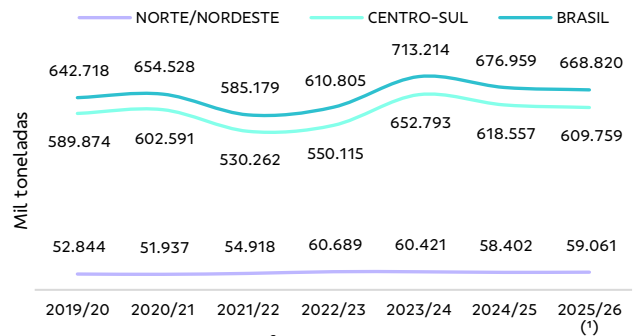
Desempenho do Setor

Cana-de-Açúcar	2024/25*	2025/26*
Produção (mil ton.)	-5,1%	-1,2%
Produtividade (kg/ha)	-9,3%	-2,1%
Área (mil ha.)	+6,2%	+1,0%

Produção de Derivados	2024/25*	2025/26*
Açúcar	-1,8%	+0,8%
Etanol de Cana	-1,2%	-8,8%

*Fonte: Conab
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito.

Produção de Cana-de-Açúcar



(1) Projeção
Fonte: Conab
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Produção de Açúcar

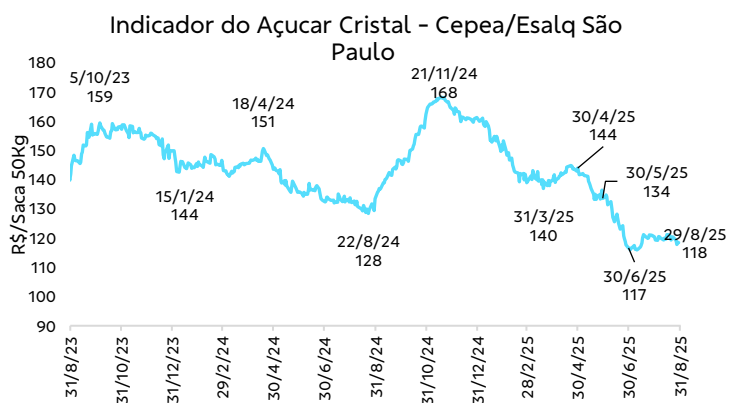
Segundo a Conab, a produção de açúcar conta com expectativa de crescimento de 0,8% na temporada, perfazendo o total de 44,5 milhões/ton. do adoçante, mesmo com a menor produção de cana-de-açúcar na safra. O mix de produção tende ainda a ser mais açucareiro, uma vez que o açúcar vem rentabilizando melhor os usineiros, em detrimento do etanol.

De acordo com especialistas do setor, a produção de açúcar deve representar cerca de 50,4% da cana processada na safra 2025/26 e o Brasil deverá continuar na liderança do mercado como maior produtor e exportador mundial da commodity, com o suporte das inovações tecnológicas e práticas agrícolas eficientes, respondendo de forma robusta à crescente demanda global por açúcar.

Cotações do Açúcar – A alta apontada nos preços ao longo do segundo semestre de 2024 decorreu dos efeitos nocivos do clima sobre as lavouras de cana (estiagem e temperaturas elevadas), além de focos de incêndio pontuais em algumas das áreas produtoras do Centro-Sul brasileiro e pragas nas lavouras, o que agregou riscos às expectativas de produtividade e de oferta do adoçante naquele momento, que já convivia com uma oferta mais restrita em grandes produtores como Índia e Tailândia.

Entretanto, a retomada das chuvas no Brasil no final de 2024 e o clima mais ameno trouxeram algum alívio aos produtores que aproveitaram as últimas semanas do ano para aumentar o processamento da cana na fase final de colheita do ciclo 2024/25, o que colaborou para o início do movimento de correção das cotações.

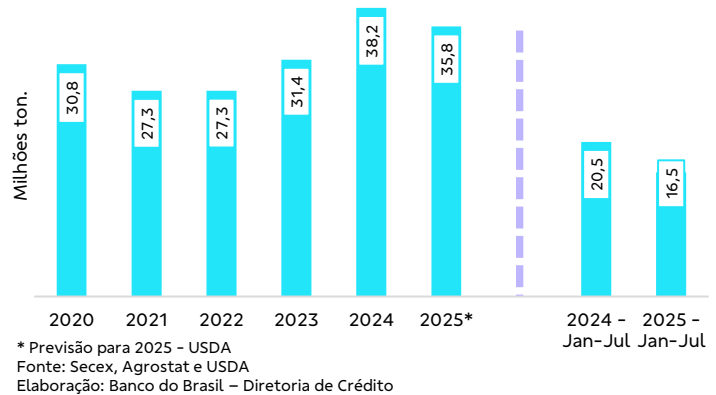
No mais, a expectativa de melhor produção de cana-de-açúcar em importantes produtores globais – Índia, Tailândia e outros do hemisfério norte – passaram a refletir em expectativa de maior oferta do adoçante e continuidade até mais acentuada do movimento de queda nos preços ao longo de 2025.



Fonte: Cepea/Esalq/USP
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Exportações – As remessas externas de açúcar brasileiro apresentaram comportamento robusto em 2024, com exportações atingindo novo recorde anual. Entre janeiro e dezembro de 2024, o Brasil exportou 38,2 milhões de toneladas de açúcar, gerando receita de US\$ 18,6 bilhões. Esse volume supera em 21,7% o total exportado em 2023, que foi de 31,4 milhões de toneladas. A demanda externa adicional foi impulsionada pelas restrições de exportação de açúcar da Índia e pela Indonésia. Com a Índia fora do mercado internacional, o Brasil conseguiu ampliar suas exportações, aproveitando os estoques da produção recorde da safra 2023/24.

Exportações de Açúcar



Para 2025, projeta-se retração nas exportações brasileiras de açúcar, diante do retorno da Índia ao mercado internacional e da recuperação da produção em países do hemisfério norte, ainda que a tendência indique que o Brasil deverá permanecer nesse ciclo, como maior exportador mundial. No entanto, esses fatores geram preocupação entre os operadores do mercado, uma vez que esses concorrentes podem ocupar parte dos mercados atualmente atendidos pelo Brasil. Além disso, a tarifa americana de 50% ao açúcar brasileiro, aliada a perspectiva de queda nos preços internacionais da commodity, tende a trazer impacto desfavorável no faturamento do setor exportador.

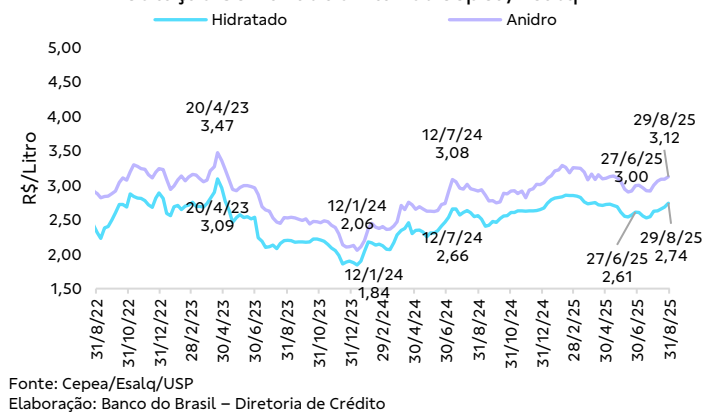
Produção de Etanóis

Com o mix mais açucareiro, a produção brasileira de etanol de cana-de-açúcar no atual ciclo apresenta tendência de retração de 8,8%, com montante produzido de 26,8 bilhões de litros, sendo 16 bilhões de litros de etanol hidratado e 11 bilhões de litros de etanol anidro, conforme dados da Conab. Contudo, a expansão do etanol de milho mitiga parcialmente a menor oferta do biocombustível a base de cana, cuja produção segue bem abaixo da necessidade de mercado.

Cotações do Etanol – Os preços dos etanóis hidratado e anidro de cana-de-açúcar apresentaram tendência de leve queda a partir de fevereiro de 2025. Esse comportamento vem se revertendo desde o final de julho, quando os preços começaram a apresentar leve recuperação com a elevação da mistura E27 para E30 (mistura de etanol na gasolina).

Nesse sentido, já há uma elevação no consumo estrutural de anidro, enquanto os estoques, inclusive do hidratado, se mantêm depreciados frente ao patamar médio dos últimos anos, o que deverá sustentar preços à frente.

Cotação Semanal do Etanol Cepea/Esalq



No mais, enquanto o baixo rendimento da última safra de cana e o mix mais açucareiro são elementos que contribuem para reduzir a oferta e valorizar as cotações do etanol, a crescente produção de etanol de milho, que tem complementado a oferta do biocombustível no mercado interno garante a disponibilidade e enfraquece os preços. O milho já responde por mais de 20% da composição do etanol produzido no Brasil, reforçando seu papel estratégico na matriz de combustíveis renováveis. Por fim, a taxa de câmbio e a sensibilidade ao preço da gasolina também são vetores que afetam as condições de preço do etanol.

O destaque positivo está na especialidade conilon, que, com a colheita praticamente finalizada, apresentou taxa de crescimento recorde, com estimativa em apuração da produção equivalente a 20,1 milhões de sacas. O bom desempenho da especialidade é reflexo da melhora gradual do clima no segundo semestre de 2024, diante do maior volume pluviométrico que viabilizou a emissão das primeiras floradas. No caso do arábica, cuja colheita atingiu no final de agosto montante próximo a 91% da safra, a redução foi acentuada frente à produção da safra 2024/25, haja vista os problemas de temperaturas elevadas no início do ciclo, queimadas que afetaram lavouras pontualmente e o ciclo de bionalidade baixa da temporada, com produção estimada em 35,1 milhões de sacas. A especialidade arábica foi mais afetada no na temporada em decorrência de seu ciclo produtivo mais longo, que levou as lavouras a sofrer um reflexo maior das variações climáticas que caracterizaram o período.

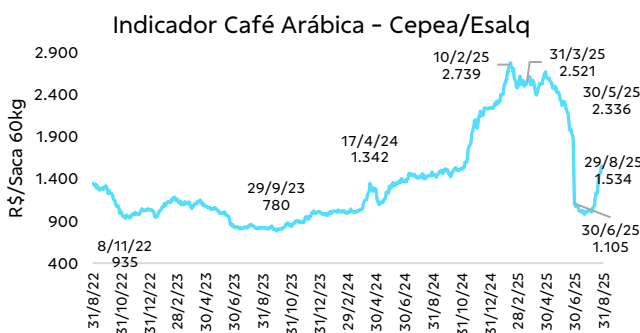
A indústria brasileira de cafés solúveis e torrados segue em expansão gradual, puxada pelo consumo interno crescente, porém ainda incipiente. O consumo interno atingiu 21,9 milhões de sacas industrializadas em 2024, incremento de 1% frente a 2023, estimulado pela crescente abertura de redes de cafeteria pelo país. Porém, a trajetória de elevação dos preços ao longo de 2024 provocou retração de 2% no consumo per capita, refletindo no indicativo de 6,26 kg/hab/ano de café verde e 5,01 kg/hab/ano de café torrado e moído. No entanto, ainda que o volume de café exportado seja predominantemente na forma *in natura* (grão verde), o Brasil vem ampliando a participação das vendas de café industrializado no mercado externo (destaque para os mercados do sudeste asiático e Rússia). No acumulado do ano, até julho de 2025, a participação do café solúvel brasileiro no mercado externo cresceu 9,9% frente a igual período do ano anterior, segundo a Organização Internacional do Café (OIC), sendo os principais mercados o europeu e sudeste asiático. Expectativas indicam incremento em torno de 14% no ano.

Cotações do Café – A trajetória ascendente nas cotações do café ao longo de 2024 e início de 2025 é fruto da queda na oferta global, diante da menor produção observada durante a última safra (2024/25), em decorrência de problemas climáticos no período.

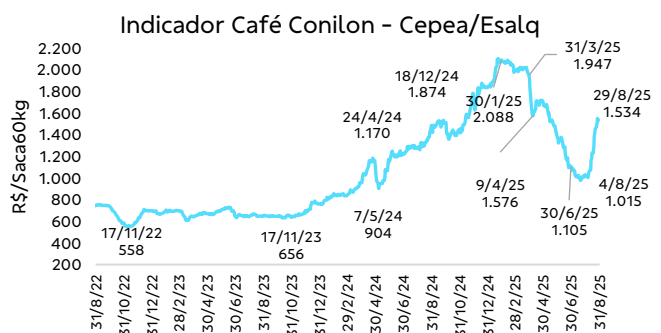
Após a forte valorização de preços observada nas especialidades arábica e conilon, as cotações iniciaram trajetória de correção que predominou no primeiro semestre do ano, diante da expectativa de entrada no mercado global das safras oriundas de concorrentes externos que apresentaram melhores expectativas de safra. Em agosto, por sua vez, houve recuperação de 40% nos contratos de arábica na bolsa de Nova Iorque e de 45% para o café robusta em Londres, como reflexo da revisão baixista na expectativa de produção do arábica no Brasil (maior produtor mundial), além da pressão oriunda do encarecimento do produto nos EUA (maior consumidor) em razão da política tarifária imposta sobre o Brasil.

No mais, uma dinâmica de estoques existente tanto na indústria americana – para consumo temporário na expectativa de uma renegociação da medida –, quanto na Europa – antecipando em resposta ao início da vigência da lei antidesmatamento – podem trazer reflexos mais acentuados em preços à frente, a depender dos desdobramentos, tanto da política tarifária nos EUA, quanto do nível de conformidade com as exigências antidesmatamento na Europa.

Em que pese as margens de rentabilidade ainda atrativas no campo, a indústria brasileira beneficiadora de café, por outro lado, segue com margens mais apertadas em decorrência dos insumos ainda encarecidos (café), refletindo negativamente na lucratividade das empresas. Menciona-se que o mercado externo tem sido considerado o principal ponto de apoio para a rentabilidade da cadeia produtiva,



Fonte: Cepea/Esalq/USP
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito



Fonte: Cepea
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

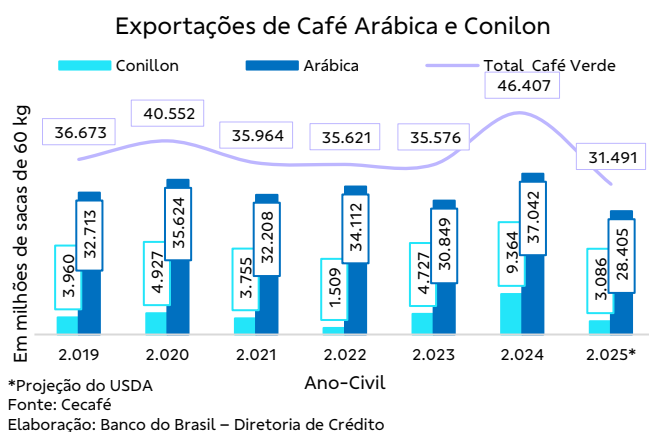
Exportações – Em 2024, o Brasil exportou 46,4 milhões de sacas de 60 kg de café verde, nas modalidades arábica e conilon. Esse volume corresponde a incremento de aproximadamente 30,4% na comparação com igual período de 2023, segundo os dados disponibilizados pela Secretaria de Comércio Exterior (SECEX), do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC), e compilados pelo Conselho dos Exportadores de Café do Brasil (Cecafé). A trajetória das exportações brasileiras de café superou o recorde registrado no ano de 2020, quando o país exportou 40,5 milhões de sacas de 60 kg de arábica e conilon. Adicionando as remessas de café torrado, a exportação total da cadeia produtiva do café encerrou o ano em 50,6 milhões de sacas, incremento de 12,7% frente a 2023. Do montante exportado, segundo o Cecafé, o café arábica representou 74%, com remessa de 37,0 milhões de sacas no período. Já a especialidade conilon representou 18,7%, totalizando 9,4 milhões de sacas. Os adicionais, que representam 7,3% das exportações, correspondem as remessas de café torrado e café solúvel.

No entanto, de janeiro a julho de 2025, as remessas de café verde e industrializado perderam força, sendo observada retração de 17,8% em relação ao volume exportado do mesmo período do ano passado, ainda que os preços elevados garantiram um faturamento 44,2% maior que igual período de 2024. A menor produção no último ciclo, aliado a recuperação em importantes produtores são fatores associados à piora no desempenho.

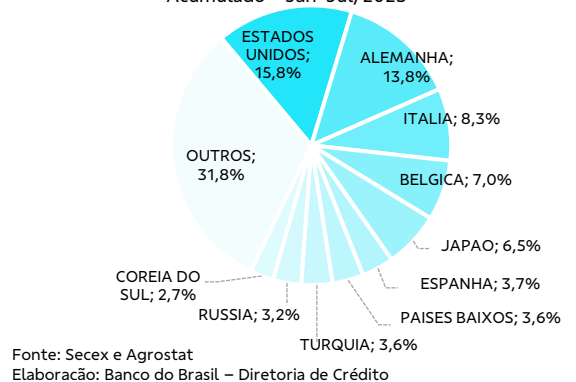
Em agosto, segundo o Conselho dos Exportadores de Café (Cecafé), primeiro mês sob influência do tarifaço, os embarques para os EUA caíram 55%, segundo dados preliminares da entidade. Mesmo mantendo fluxo para outros destinos, o impacto da taxaço foi expressivo. O contexto desafia o setor e exige esforços de abertura de novos mercados, como no sudeste asiático, e, nesse sentido, foi noticiado recentemente que a China habilitou 183 novas empresas brasileiras para exportação de café. Além disso, nos últimos dias de agosto, o Brasil anunciou a abertura do mercado da Rússia para o café brasileiro. No mais, as entidades brasileiras seguem na viabilização de tratativas comerciais com os EUA a fim de reverter o impacto do tarifaço na cadeia produtiva.

Em outro contexto, dificuldades logísticas quanto aos fretes marítimos têm provocado atrasos nos embarques de café, gerando preocupação dos *traders* em razão de perdas de receitas e incidência de custos extras associados com armazenagens adicionais. Apenas em julho de 2025, o Brasil deixou de embarcar 508.732 sacas de café verde — cerca de 1.542 contêineres por causa da saturação da infraestrutura portuária, segundo levantamento do Cecafé, com destaque para o porto de Santo por onde o maior volume de café é escoado para o exterior (80% dos embarques). Esse volume representa um prejuízo direto de R\$ 1,1 bilhão para os exportadores, que tiveram de arcar com custos extras de armazenagem, demurrage (*detention*), *pré-stacking* e antecipação de *gates*.

Por fim, atenção também deve ser dada aos desafios em termos de sustentabilidade e regulação para acessar mercados exigentes, como da União Europeia, com necessidades crescentes de rastreabilidade no setor para evitar desmatamento, além de esforços para redução de emissão de gases de efeito estufa. Os impactos devem ser amenizados para o agronegócio brasileiro caso o Acordo entre Mercosul e UE, de livre comércio entre os blocos, seja referendado pelo bloco europeu.



Exportações de Café Verde por Destino
Acumulado – Jan-Jul/2025



Destaques – Proteínas Animais

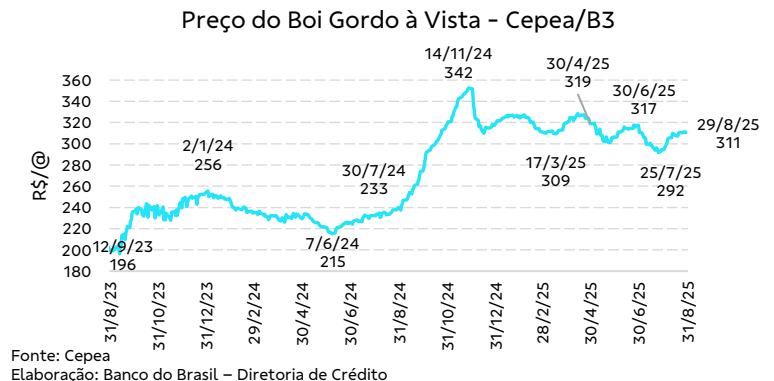
Bovinos

O ano de 2024 foi marcado pelo elevado volume dos abates de animais, característico do ciclo pecuário de maior descarte de matrizes, iniciado em 2022, que refletiu em retração das cotações do boi e, conseqüentemente, nas margens de rentabilidade dos produtores. Por outro lado, os frigoríficos se beneficiaram com custos mais baixos de insumos e pelo aumento do consumo interno em consequência da melhora da renda das famílias. Conforme estatísticas da Conab, a produção brasileira de carne bovina apresentou incremento de 15,8% no período e, de acordo com estimativas do USDA, o Brasil segue como o 2º maior produtor de carne bovina, com 20,1% do mercado mundial.

De acordo com a mesma entidade, a sinalização de reversão do ciclo pecuário com retenção de matrizes, ainda não se efetivou, no entanto, já há sinais de reversão. O volume de abate de animais (fêmeas reprodutoras) ainda segue alto, superando, até julho, 14% o volume abatido em 2024, mas, segundo agentes de mercado e consultorias especializadas, esse ano deve haver leve redução do volume de animais abatidos frente a 2024, em torno de 1,5 a 2,0%, porém de animais terminados (boi gordo). A expectativa é de que haja ainda nova retração em 2026, em torno de 2,2%.

A forte demanda, em especial a externa, e o elevado custo do capital (Selic em patamar contracionista) são os principais estímulos para os pecuaristas seguirem em ritmo alto de descarte. A expectativa é que a participação das fêmeas no abate comece a cair ao longo deste semestre, sinalizando uma virada no ciclo pecuário e uma possível redução na oferta de carne.

Preços e Custos – Diante da sinalização de reversão do ciclo pecuário, o mercado passou a precificar uma valorização da arroba do boi gordo já no segundo semestre de 2024. Entre julho e dezembro daquele ano, o preço registrou um incremento de 28%. No entanto, a partir do final de 2024, o persistente volume elevado de abates, aliado à demanda interna enfraquecida — típica do início do ano — exerceu pressão baixista sobre as cotações.

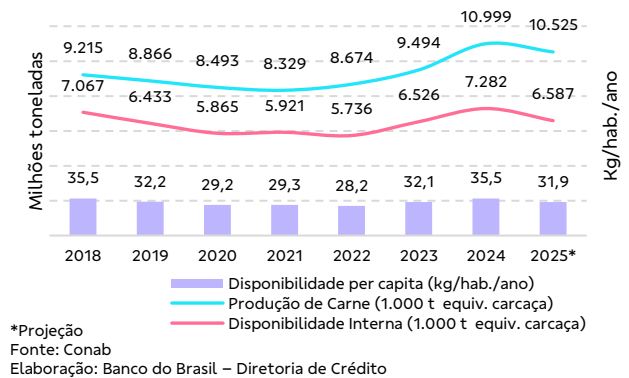


Entre julho e final de agosto de 2025, o preço do Boi Gordo no mercado sofreu incremento de 5,49%, com indícios de que a influência das tarifas americanas sobre importações não tem refletindo em expectativas de maior oferta no mercado brasileiro, haja vista o incremento das vendas externas para outros mercados, cuja abertura ou expansão tem se tornado saída para os pequenos e médios produtores.

Há que se ressaltar também que o período de estiagem observada nas principais regiões produtoras do Centro-Oeste impõe limites à oferta de animais a pasto, com a comercialização se concentrando em lotes de animais confinados. As exportações em ritmo intenso também restringem o volume disponível no mercado doméstico e ajudam a dar sustentação aos preços no atacado mesmo com o consumo mais restrito.

De maneira geral, os preços dos animais ainda valorizados representam custo alto e desafios para os frigoríficos em relação à capacidade de repasse dos preços ao consumidor, podendo refletir em margens financeiras mais restritas. Assim, espera-se uma postura mais contundente da indústria frigorífica sobre os pecuaristas a fim de reduzir a pressão sobre a rentabilidade dos negócios.

Oferta de Carne Bovina e Disponibilidade



Na criação, os custos também seguem elevados, impulsionados principalmente pelos preços valorizados dos bezerros e pelos insumos veterinários e sanitários importados, cujos valores são sensibilizados pelo câmbio depreciado. Por outro lado, a queda recente no preço do milho, insumo essencial na suplementação alimentar, tem contribuído para aliviar parte da pressão sobre as margens de rentabilidade no campo.

Exportações – O Brasil permanece como maior fornecedor mundial de proteína bovina, com estimativas do *United States Department of Agriculture* (USDA) do Brasil manter a liderança em 2025 nas remessas externas, com 28,7% de participação do mercado. Os embarques de carne bovina brasileira mostram crescimento, em linha com a abertura de novos mercados aos frigoríficos nacionais e a ampliação dos existentes. No período, frente a 2024, o incremento no volume exportado foi de 13,6%. A expansão no exterior é uma forma de reação à estratégia do governo chinês, principal destino das remessas de cortes bovinos brasileiros, de reduzir as compras oriundas do Brasil, de modo a diminuir a dependência externa e os custos de importação. Ainda assim, a China continua sendo o principal destino da proteína brasileira, absorvendo em torno de 46% das remessas do país (dados acumulados de janeiro a julho de 2025). A demanda chinesa pela carne bovina segue aquecida, mesmo após a recuperação da produção interna de carne suína, principal proteína consumida pela população do país, que foi afetada pela Peste Suína Africana.

O anúncio, em maio de 2025, que o Brasil passou a ser país livre da febre aftosa, sem vacinação, evidenciou o diferencial no controle da sanidade animal e favoreceu ainda mais o acesso a novos mercados e as vendas no exterior, especialmente para países “altamente exigentes” como o Japão, Singapura e a Índia. Além disso, países como Filipinas e Indonésia manifestaram interesse em importar miúdos bovinos a partir do novo status sanitário.

Em relação as tarifas impostas pelo governo americano, os EUA são o 2º maior destino para as exportações de carne bovina do Brasil, sendo que o setor nacional exporta 32% da produção, destinando 8% das remessas para o país norte americano. Assim, a taxação de 50% às importações americanas oriundas do Brasil, que passou a vigorar recentemente, poderá causar impactos no faturamento e nas margens financeiras de companhias fornecedoras, principalmente quando houver concentração dos negócios naquele mercado. Por outro lado, consultorias brasileiras ligadas ao agronegócio apontam para a possibilidade de o setor de carnes alavancar negócios em outros mercados. Diante da taxação universal, o Brasil poderá assumir posição estratégica para países que buscam reduzir sua dependência de importação dos EUA.

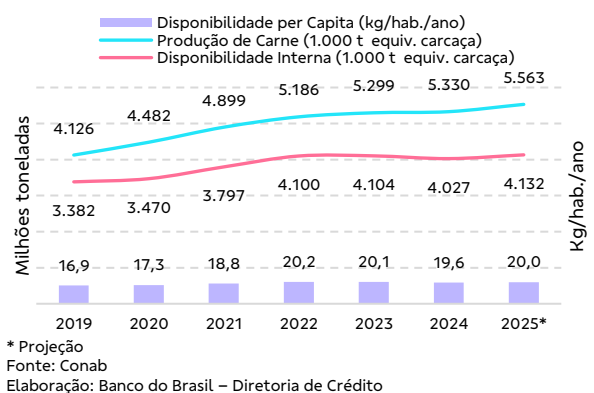
Ainda que as exportações para os EUA de carne bovina tenham reduzido em torno de 46,2% em agosto na comparação anual (com os EUA caindo da 2ª para a 7ª posição do ranking de exportações da proteína brasileira), a ampliação das vendas para outros mercados mais que compensou as perdas com o mercado dos EUA. As estimativas iniciais indicam incremento de compras pelo México, Rússia, Chile, Filipinas e Egito.

O câmbio segue desvalorizado e favorável ao mercado exportador brasileiro, garantindo a competitividade em termos de preços, além da qualidade da proteína brasileira. Entretanto, o cenário esperado de menor oferta de animais pelo Brasil e as restrições no mercado americano são os principais limitantes para as venda externas.

Suínos

Na esteira da demanda externa aquecida, os frigoríficos de suínos encerraram 2024 com incremento da produção em 0,6%, segundo a Conab. No primeiro semestre de 2025, o consumo interno também apresentou-se mais aquecido para a proteína suína em detrimento dos cortes bovinos que seguiam em trajetória de elevação de preços. Para o ano, a estimativa da Conab é de aumento aproximado de 4,4% no volume de cortes de suínos, devendo se manter próximo a 5,6 milhões de toneladas, o que seria recorde de produção.

Oferta de Carne Suína e Disponibilidade

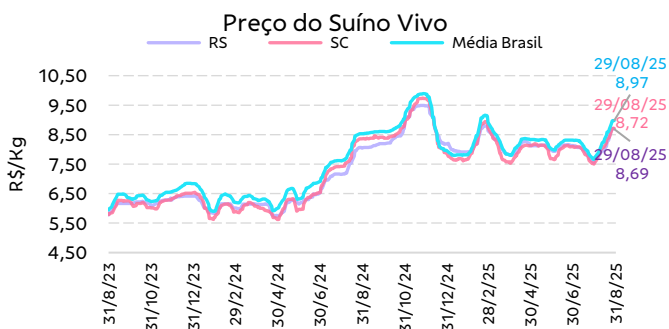


Ressalte-se que o relatório mensal de desempenho do agronegócio brasileiro (AgroConab), de agosto de 2025, vem mantendo as expectativas de crescimento da produção.

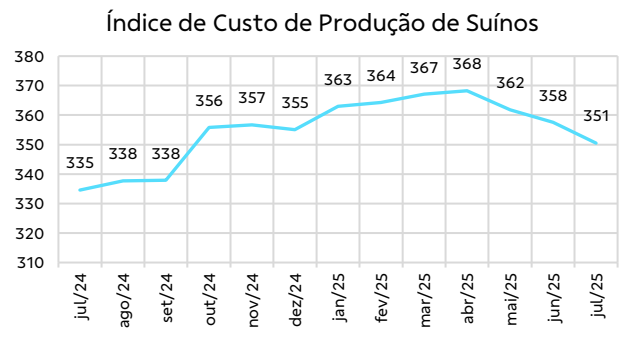
A indústria nacional aposta na continuidade da atratividade da demanda externa como principal vetor para justificar o aumento da produção da proteína suína. Além disso, a manutenção de preços ainda valorizados para os cortes de bovinos devem seguir redirecionando o consumo para proteínas substitutas, de menor valor agregado e mais acessíveis às famílias. Nesse contexto, as projeções para a disponibilidade interna per capita apontam incremento em torno de 2,0% no ano.

Segundo o USDA e a partir de dados de produção estimados para 2025, o Brasil segue como o 4º maior produtor mundial de proteína suína (3,9% da produção global), ficando atrás apenas da China (48,9%), União Europeia (18,0%) e EUA (10,9%).

Preços e Custos – Em relação aos preços, o desempenho das exportações brasileiras, que seguem dinamizadas, e a forte demanda interna, favorecida pelo mercado de trabalho aquecido e avanço na renda das famílias, vêm sustentando preços de comercialização do suíno vivo em patamares elevados, após máximas históricas observadas no 2º semestre de 2024. Além disso, o movimento de valorização da proteína bovina, com o início da reversão do ciclo do boi, redireciona parte do consumo para suínos, mais acessíveis aos consumidores de baixa renda. Já a relativa volatilidade observada nos preços desde o início do ano, ainda que mantendo-se em patamar valorizado, é resultado da conjugação dos efeitos da demanda aquecida com o alto volume de abate observado no período. À frente, não são descartados novos aumentos como observado a partir de julho.



Fonte: Cepea/Esalq/USP
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito



Fonte: Embrapa

Em relação aos custos de produção, o índice de custo da Embrapa mostrou retração de 2,0% entre junho e julho, enquanto que em 12 meses (entre julho de 2024 e julho de 2025) houve incremento de 4,8%. Em doze meses, destaque para o avanço nos preços da ração animal (+1,1%), custo do capital (+16,2%) e no custo de transporte (+51,7%). Vale ressaltar que os gastos com genética e sanidade animal tiveram incrementos de 31,8% e 33,7%, respectivamente, devido ao reflexo da desvalorização cambial em 2024, embora sua participação na estrutura de custos da atividade equivale a apenas 5,7% do total. O peso da ração na composição dos custos de produção corresponde hoje a 70,5%, o que explica o avanço no custo ao longo de 2024, quando o milho apresentava recuperação de preços, e a queda recente no custo (a partir de abril) diante da baixa na cotação da commodity nos últimos meses.

Mercado Externo – Entre janeiro e julho de 2025, o Brasil exportou 848,8 mil toneladas de carne suína, um aumento de 12,9% em relação ao mesmo período de 2024, segundo a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA). A receita gerada pelas exportações também cresceu 26,7%, totalizando US\$ 2,039 bilhões. As Filipinas se consolidaram como o principal mercado, com um aumento de 15,8% nas importações, com volume adquirido de 31,5 mil toneladas da proteína. O Chile segue como segundo principal destino, com remessa brasileira equivalente a 14,5 mil toneladas, alta nas compras de 38,2% frente ao mesmo período de 2024. A China reduziu suas compras em 39,4%, importando 11,9 mil toneladas. Essa queda é atribuída ao programa interno do mercado chinês para recompor seu plantel suíno.

Em meio a esse cenário, o Brasil tem trabalhado na ampliação das parcerias internacionais, negociando a abertura de novos mercados e a expansão dos existentes, desde 2024, com destaques para as vendas às Filipinas, México, Chile, Rússia e países do Oriente Médio, como a Arábia Saudita, Iraque e Emirados Árabes Unidos.

Entretanto, os conflitos geopolíticos entre Rússia e Ucrânia e as tensões no Oriente Médio ainda exigem atenção do exportador, tendo em vista os potenciais impactos sobre a demanda, além de maiores custos com a logística de transporte e distribuição do produto.

A competitividade brasileira no mercado internacional tem sido favorecida pelo câmbio desvalorizado e pela perda de espaço da União Europeia no mercado, que enfrenta desafios internos, como normas restritivas de bem-estar animal e altos custos de produção, além de problemas de sanidade animal com a proliferação de casos de Peste Suína Africana (PSA) em alguns países europeus.

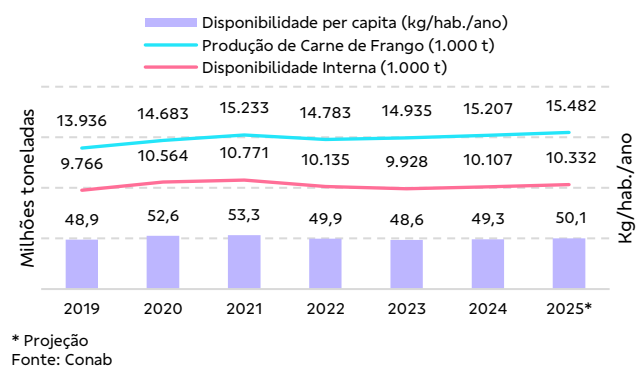
Além disso, o Brasil se destaca pela qualidade da carne produzida e pelo rigoroso controle fitossanitário, mantendo o status de país livre de PSA desde 1988. Esses atributos ampliam a aceitação do produto em mercados exigentes como Japão, México e Filipinas.

As tarifas impostas pelos EUA sobre importações não devem afetar o segmento, uma vez que as vendas para aquele país são pouco representativas. A disputa comercial dos EUA com a China poderá beneficiar o Brasil, que pode voltar a elevar suas vendas de produtos da cadeia produtiva para o mercado chinês, além de obter novos mercados para a proteína brasileira por países que desejem buscar alternativas ao suíno norte-americano.

Frango

O relatório mensal de desempenho do agronegócio brasileiro (AgroConab), de agosto de 2025, vem mantendo as expectativas de crescimento da produção e confirma que, apesar dos ajustes provocados pela gripe aviária nos volumes exportados entre maio e julho de 2025, as expectativas de crescimento da produção e do consumo interno de proteína avícola permanecem positivas. Após o foco confirmado em uma granja comercial no Rio Grande do Sul em maio, o Brasil adotou medidas rigorosas de contenção, incluindo abate sanitário, bloqueios sanitários e vigilância ampliada.

Oferta de Carne e Disponibilidade



Com o fim do vazio sanitário em junho, o país foi oficialmente declarado livre da gripe aviária em criações comerciais, o que permitiu a retomada gradual das exportações para mercados estratégicos e, também, a manutenção da tendência de maior consumo do mercado interno pela proteína avícola. A expectativa de reversão do ciclo da bovinocultura à frente, já reflete em manutenção dos preços dos cortes bovinos, valorizados, podendo levar à substituição por proteína de frango e suínos.

De acordo com o USDA, o Brasil se manteve entre os três maiores produtores mundiais da carne de frango em 2024, com 17,7% da produção, atrás da China em apenas 0,3 ponto percentual (p.p.). Os EUA seguem na liderança, detendo 25,2% da produção mundial.

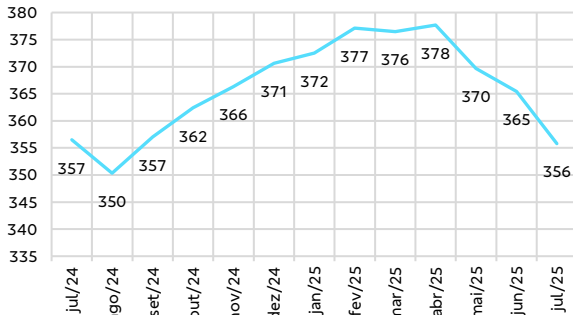
Custos e Preços – O índice do custo de produção de frangos no Brasil, segundo a Embrapa, apresentou leve retração de 0,2% entre julho de 2024 e julho de 2025. Em doze meses, os custos com ração e energia elétrica/cama/calefação reduziram-se 4,94% e 4,91%, respectivamente. Ambos os custos representam 66,4% do total. Já genética animal e sanidade sofreram incremento no período de 16,9% e 9,02%, respectivamente. Da composição total dos custos de produção animal, os itens listados representaram aproximadamente 85% do total.

A queda do preço do milho, insumo básico da ração animal na avicultura, vem sendo o principal responsável pela descompressão do custo do frango nos últimos meses, que entre abril e julho retraiu 5,8%.

Apesar de certo alívio com a baixa nos preços do milho, os gastos nas granjas ainda segue em patamar elevado, impactando também os custos de aquisição de animais por parte dos frigoríficos, principalmente daqueles que não trabalham em sistema de integração. No entanto, o poder de negociação dos frigoríficos tende a retirar margem dos produtores, que enfrentam dificuldades de repassar os custos para a indústria.

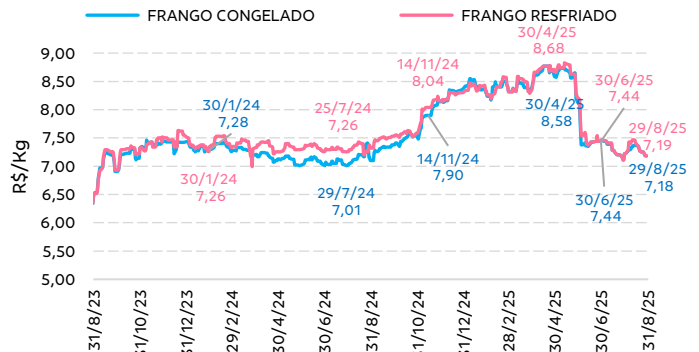
Em referência aos preços da carne de frango, observou-se trajetória de alta até abril de 2025, mostrando aquecimento da demanda e forte ritmo de consumo, além de capacidade de repasse dos preços na indústria e no varejo. Já a queda observada a partir de maio está associada aos efeitos dos embargos à carne de aves brasileira após a confirmação do caso de gripe aviária. Embora o Rio Grande do Sul tenha normalizado sua situação sanitária no final de junho, a pressão baixista persiste no curto prazo, resultado de um excedente formado pela limitação temporária das vendas ao exterior.

Índice de Custo de Produção de Frangos



Fonte: Embrapa
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Preço do Frango Cepea/Esalq – SP



Fonte: Cepea
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Mercado Externo – A demanda externa iniciou 2025 aquecida e impulsionando as exportações nacionais. O câmbio desvalorizado, a qualidade da proteína brasileira, a abertura de novos mercados e o rígido controle fitossanitário da produção nacional, dentre outros fatores, favoreceram as vendas externas.

A China é o principal parceiro comercial do Brasil. No acumulado de 2024, o volume das remessas brasileiras para o país asiático correspondeu a 10,9% do total exportado de frangos. Além da China, os principais destinos das remessas brasileiras são Emirados Árabes Unidos, Japão, Arábia Saudita, África do Sul, Filipinas, México e Iraque, com o país ampliando as parcerias internacionais e a abertura de novos mercados, destacando o recém protocolo assinado com a China para exportações de miúdos de aves, carne de pato e de peru.

Com a detecção da ocorrência de um caso de gripe aviária em granja comercial no Rio Grande do Sul, o Brasil e os importadores acionaram os protocolos de segurança fitossanitária, iniciando processo de suspensão de importações oriundas do mercado brasileiro. Com isso, as exportações de carne de frango na passagem mensal de junho de 2025 apresentaram redução de 13,9% em termos de volume.

Com a suspensão dos embargos pela maioria dos países consumidores, é esperado que o Brasil normalize suas exportações no decorrer deste semestre e ainda encerre o ano superando o montante de 2024. Dentre os consumidores que ainda não tinham retomado as compras do Brasil estavam, China e União Europeia. Porém, no último dia 04 de setembro, o bloco europeu oficializou o reconhecimento do Brasil como país livre da gripe aviária, viabilizando a retomada das exportações de carne de frango aos Estados membros da União Europeia. O Brasil também tem firmado acordo de ampliação do mercado com outros países ao mesmo tempo que tem fomentado a abertura de novos mercados à proteína brasileira, como alternativa de reduzir a dependência das vendas externas a poucos países e mitigar riscos ligados à oscilação do real e à instabilidade de compradores tradicionais (a exemplo de China e Rússia). E também como forma de mitigar riscos oriundos de conflitos geopolíticos, em especial no Oriente Médio, onde se localizam alguns dos mercados consumidores da carne de frango brasileira.

Por fim, o Brasil segue atento ao impacto das medidas protecionistas dos EUA no comércio global, ainda que a participação dos EUA nas remessas do país seja inexpressiva. As tensões comerciais podem beneficiar o comércio de aves com agentes externos redirecionando suas compras para o mercado brasileiro, uma vez que o Brasil pode ser visto como alternativa para que esses países reduzam sua dependência do mercado norte-americano.

Ao mesmo tempo, segue consolidando e fortalecendo seus sistemas de monitoramento e controle de sanidade animal no intuito de se evitar novos casos de doenças nas granjas comerciais brasileiras.

Destaques – Insumos Agrícolas

Apesar dos avanços registrados ao longo da safra 2024/2025, que se encontra em encerramento, e da reconhecida importância estratégica da agricultura para a economia nacional, o macrossetor de insumos agrícolas ainda enfrenta obstáculos que impedem um desempenho mais consistente. Entre os principais desafios, destaque para a recuperação ainda incipiente da rentabilidade e da saúde financeira de parte dos produtores rurais, sobretudo daqueles menos capitalizados e dos localizados em regiões com maiores incidências climáticas adversas. Esse cenário é agravado pelo elevado custo de capital, que continua a restringir investimentos e a limitar, de forma estrutural, o crescimento dos diversos elos da cadeia produtiva. Adicionalmente, a tarifação imposta pelos Estados Unidos às exportações brasileiras tende a impactar negativamente segmentos específicos do agronegócio, gerando incertezas comerciais e exigindo maior capacidade de adaptação por parte dos agentes do setor.

As projeções mais recentes, divulgadas em julho, indicam um crescimento de 7,0% nas vendas de fertilizantes ao longo de 2025. O ano começou com uma demanda firme e ritmo acelerado de compras por parte dos produtores, que anteciparam cerca de 61% das aquisições entre janeiro e junho, alta de 10,5% em comparação ao mesmo período de 2024. A demanda consistente do agronegócio brasileiro sustenta perspectivas positivas para o setor. A safra recorde de 2024/25, favorecida por condições climáticas ideais, elevou a renda no campo e intensificou a necessidade de reposição de nutrientes, impulsionando as vendas de insumos. Apesar do cenário mais otimista, cautela maior às distribuidoras que atuam nos mercados de varejo e atacado, onde a volatilidade de preços e a gestão de estoques exigem atenção estratégica.

Já em relação aos defensivos agrícolas, o Brasil segue como o maior consumidor mundial e as vendas do segmento cresceram 3,0% em 2024, com projeções indicando avanço semelhante em 2025, segundo estimativas do Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Defesa Vegetal (Sindiveg). Esse crescimento é impulsionado pela expansão contínua da área plantada, pela emergência de novas pragas e pela intensificação das aplicações nas lavouras, especialmente em culturas como soja, milho e algodão.

No mercado de sementes, a produção está alinhada com a expansão das principais culturas agrícolas e a crescente adoção de organismos geneticamente modificados (OGM). Estima-se que as vendas em 2025 continuarão a crescer. Por outro lado, a falta de um marco legal claro para novas tecnologias limita o avanço da inovação no setor e favorece a proliferação de sementes “piratas” no caso específico de soja. Esse contexto sujeita as empresas do setor a concorrência desleal, com reflexos no ritmo de atividades e nas margens financeiras.

Em relação às empresas de máquinas e implementos agrícolas, desafios significativos foram enfrentados nos últimos anos, diante de um contexto mais restritivo no desempenho de produtores rurais e da taxa de juros em patamar contracionista, o que refletiu em adiamento nos investimentos no campo e na produção e vendas do setor. Em 2025, com a melhora na safra 2024/25, as vendas em quantum do primeiro semestre de 2025 cresceram 19,1% em comparação com o mesmo período do ano anterior, segundo informações da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq). Entretanto, o nível de recuperação no ano ainda deve se mostrar insuficiente para recuperar plenamente o desempenho ruim dos últimos anos. No mais, as maiores tarifas sobre importações nos EUA também tendem a afetar o setor no Brasil, haja vista que 17% da produção é exportada, sendo 10% destinada ao país estadunidense.

Destaques – Tarifa americana sobre as exportações do agronegócio brasileiro

A partir de agosto de 2025, os Estados Unidos passaram a aplicar uma tarifa adicional de 40% sobre diversos produtos brasileiros, elevando a alíquota total para 50%. A medida foi oficializada por ordem executiva do presidente americano, sob a justificativa de que determinadas ações do governo brasileiro seriam prejudiciais à segurança nacional e à economia.

Embora a nova tarifação impacta grande parte das exportações brasileiras, a ordem contempla uma lista de exceções com aproximadamente setecentos produtos — incluindo suco de laranja, combustíveis, aeronaves civis e madeira. Essas exclusões oferecem algum alívio a setores estratégicos, especialmente no agronegócio, como os produtores de laranja e derivados.

Entretanto, produtos relevantes do setor agroexportador estão sujeitos à nova alíquota, como o café não torrado (63% da produção é exportada, sendo 16% destinada aos EUA), carne bovina (32% da produção é exportada, sendo 8% destinada aos EUA), etanol (5% da produção é exportada, sendo 17% para os EUA), o açúcar (88% da produção é exportada, sendo 2% destinada aos EUA) entre outros produtos como a fruticultura, piscicultura e apicultura. Vale destacar que, segundo estimativas da agência Estado, cerca de 82% das exportações do agronegócio brasileiro para os EUA ficaram sujeitas à tarifa de 50%, o que pode comprometer margens de lucro, reduzir a competitividade e impactar negativamente a balança comercial.

Empresas exportadoras para os EUA, como *tradings* de café e frigoríficos, devem ter alguma queda de receita e vem atuando na busca por mercados alternativos. Somente no mês de agosto, primeiro mês de vigência do tarifaço, as exportações brasileiras para os EUA reduziram-se 18,5%, segundo dados divulgados pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio (MDIC). Agentes do mercado acreditam que os efeitos do tarifaço ainda não foram plenamente sentidos, haja vista que no período ainda se tinha remessas contratadas anteriormente. Assim, impactos mais fortes ainda poderão ser sentidos nos próximos meses. No entanto, apesar da queda observada nas compras de produtos brasileiros pelos EUA, houve um crescimento de 3,9% das exportações do Brasil como um todo em agosto, puxados pelas vendas externas da agropecuária e da indústria extrativista, com indicativo de altas preliminares de 8,3% e 11,3%, respectivamente.

De acordo com a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), as perdas potenciais para o setor podem alcançar US\$ 5,8 bilhões. A projeção indica uma redução de até 50% nas exportações brasileiras para os EUA, com impactos mais severos sobre produtos de alto valor agregado.

Além da potencial perda de competitividade frente a países com acordos comerciais mais favoráveis com os Estados Unidos, a continuidade da política tarifária representa riscos nas cadeias produtivas brasileiras voltadas ao mercado americano e maior vulnerabilidade de pequenos e médios produtores, especialmente em regiões dependentes da exportação.

O governo brasileiro, por sua vez, vem buscando o caminho das negociações diplomáticas para ampliar a lista de exceções, além de divulgar medidas como o “Plano Brasil Soberano”, que objetiva mitigar os impactos econômicos das tarifas de importações nos EUA, fortalecer o setor produtivo, proteger os trabalhadores e ampliar e diversificar mercados por meio da disponibilização de linha de crédito no valor de R\$ 30 bilhões. Também se destacam as medidas de reciprocidade anunciadas para conter o avanço dos efeitos do tarifaço na economia brasileira, permitindo o Brasil adotar contramedidas em resposta a ações unilaterais.

Disclaimer

- LEIA O FORMULÁRIO DE INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES, A LÂMINA DE INFORMAÇÕES ESSENCIAIS, SE HOUVER, E O REGULAMENTO ANTES DE INVESTIR.
- DESCRIÇÃO DO TIPO ANBIMA DISPONÍVEL NO FORMULÁRIO DE INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES.
- RENTABILIDADE OBTIDA NO PASSADO NÃO REPRESENTA GARANTIA DE RESULTADOS FUTUROS.
- O INVESTIMENTO EM FUNDO NÃO É GARANTIDO PELO FUNDO GARANTIDOR DE CRÉDITO - FGC.
- A RENTABILIDADE DIVULGADA NÃO É LÍQUIDA DE IMPOSTOS.
- PARA AVALIAÇÃO DA PERFORMANCE DE UM FUNDO DE INVESTIMENTO, É RECOMENDÁVEL A ANÁLISE DE, NO MÍNIMO, 12 (DOZE) MESES.
- A BB ASSET SE EXIME DE QUALQUER RESPONSABILIDADE POR QUAISQUER PREJUÍZOS, DIRETOS OU INDIRETOS, QUE VENHAM A DECORRER DA UTILIZAÇÃO INDEVIDA DESTES MATERIAIS OU SEU CONTEÚDO.
- ESTE MATERIAL É DISTRIBUÍDO UNICAMENTE A TÍTULO INFORMATIVO, E NÃO DEVE SER CONSIDERADO ISOLADAMENTE PARA TOMADA DE DECISÃO DE INVESTIMENTO. TEM COMO OBJETIVO AUXILIAR O CLIENTE EM SUAS DECISÕES DE INVESTIMENTO, NÃO CONSTITUINDO QUALQUER TIPO DE OFERTA OU SOLICITAÇÃO DE COMPRA E/OU VENDA DE QUALQUER PRODUTO. ANTES DE QUALQUER DECISÃO, O CLIENTE DEVERÁ REALIZAR O PROCESSO DE SUITABILITY E CONFIRMAR SE OS PRODUTOS APRESENTADOS SÃO INDICADOS PARA O SEU PERFIL DE INVESTIDOR. ESTE DOCUMENTO NÃO LEVA EM CONSIDERAÇÃO OS OBJETIVOS DE INVESTIMENTOS, SITUAÇÃO FINANCEIRA OU NECESSIDADES ESPECÍFICAS DOS INVESTIDORES, DE FORMA PARTICULAR.
- ESTE MATERIAL NÃO SUGERE QUALQUER ALTERAÇÃO DE CARTEIRA, MAS SOMENTE ORIENTAÇÃO SOBRE PRODUTOS ADEQUADOS A DETERMINADO PERFIL DE INVESTIDOR. A BB ASSET MANAGEMENT NÃO SE RESPONSABILIZA POR QUALQUER DECISÃO TOMADA PELO CLIENTE COM BASE NAS ORIENTAÇÕES AQUI CONTIDAS.
- AS INFORMAÇÕES DO CONSULTOR NÃO REFLETEM NECESSARIAMENTE PROJEÇÕES E/OU EXPECTATIVAS DA BB ASSET





BB ASSET MANAGEMENT

**Busque mais para
os seus investimentos**

www.bbasset.com.br

[Linkedin.com/showcase/bbasset](https://www.linkedin.com/showcase/bbasset)